CINE Revista

SETEMBRO - 1940
Preço Rs. 1$500

ROBERT TAYLOR
da M. G. M.

PONTA DE CORTIÇA
Selma
Cia. Souza Cruz

CORRESPONDENCIA

JUDEX R. MARTINS (Capital) — Muito agradecemos as suas amaveis referencias. Não podemos publicar as letras das canções de films em portuguez... porque ellas não existem. Si as traduzissemos, perderiam todo o sabor. "Pinocchio" já foi publicada em "Cine Revista" em Junho, fartamente illustrado. Enviamos sua carta á Secção de Graphologia.

YARA GUEDES DA CUNHA (Capital) — Recebemos e agradecemos sua amavel cartinha. Si verificarmos que ha interesse, continuaremos publicando lettras das canções de films.

JANDIRA AGUIAR — O que você deseja saber sobre Ann Sheridan está sendo publicado neste numero. Sempre ás suas ordens.

M. SANTOS LIMA — O film "Extasis" foi exhibido nesta Capital, no antigo Theatro Apollo, distr. pela Universal. Effectivamente, nelle Lamarr apparecia inteiramente núa. Talvez a sua confusão provenha do facto de, naquelle tempo, ella usar o nome de Hedy Kreisler.

JOME (Capital) — Recebemos sua cartinha, que enviamos a Dragão. Será respondida no numero de Outubro de "Cine Revista". Dragão a mostrou ao desenhista cá da casa, que fez os mais francos elogios ao seu talento.

COUSAS DE HOLLYWOOD

Edward G. Robinson é possuidor de uma das melhores collecções de objectos de arte em Hollywood. Pois bem; um dia destes, logo após ouvir o emocionante apello do Presidente Roosevelt em favor da Cruz Vermelha, Robinson fez um leilão de seus quadros e demais objectos, enviando todo o dinheiro apurado para aquella instituição.

Os amigos de Leslie Howard estavam anciosos por noticias do famoso actor inglez, que se achava em Paris poucos dias antes da entrada do exercito allemão naquella cidade. Mas agora já estão mais tranquillos. É que Leslie Howard está actualmente em sua casa de Stowe-Maries, a trinta milhas de Londres.

O proximo film de Deanna Durbin é "Spring Parade" e nelle tambem intervem Kay Francis, fazendo o papel de mãe de Deanna, tal e qual em "Rival Sublime".

Tyronne Power e Henry Fonda apparecem juntos em dois films proximos, mas da maneira mais original possivel. Em "Brigham Young" ha uma breve scena em Lincoln favorece os Mormons, quando elles se estabeleceram em Illinois. Ahi vemos Fonda, como appareceu em "Young Mr. Lincoln".

Em compensação em "The Return of Frank James", como o film inicia sua acção com a morte de Jesse James, foi preciso usar a scena da morte de Tyronne, que vocês já viram.

Mensario Cinematographico

PROPRIEDADE DA

EMPREZA CINE REVISTA LIMITADA

SETEMBRO DE 1940

NESTE NUMERO

Na Capa: ROBERT TAYLOR, da Metro-Goldwyn-Mayer.

Preço . . . . 1$500 rs.
Assignatura Annual . . . 15$000 rs.

Director responsavel
PLINIO CAMPOS

Director-Commercial
HERACLIO ARAUJO

"Cine Revista" não têm agentes autorizados e todos os assumptos devem ser tratados com a Gerencia.

Rua da Consolação, 304, 2.º andar - Edificio Odeon
São Paulo — Phones 4-7191 - 4-7192

Adaptado do film da Paramount "A DATE WITH THE DESTINY" Dirigido por Tim Whelan, segundo um argumento original de Howard J. Green.

★

A noite estava escura e apavorante, açoitada pelo vento e pela chuva. Mas aquella alta figura immovel sob o portico parecia não temer a tormenta. Um raio riscou o céu, illuminando a paysagem. A' sua luz podia se divisar um sorriso ironico crispando os labios do Dr. Sebastien, em pé, contemplando a noite atormentada...

— Isso ahi, pensava elle, é o symbolo de minha propria vida, o rythmo do meu destino... Tal como outr'ora em Vienna... tal como agora em Savannah...

Era um psychiatra. "Ainda" era — pensava — apezar de o considerarem simplesmente o marido da mulher mais rica da cidade e o seu unico herdeiro, já que ella não tinha um só parente vivo.

Os pharoes de um carro illuminaram as arvores fustigadas pelo vento e, pouco depois, um velho saltou junto ao portico, onde o Dr. Sebastien permanecia em pé. O sorriso ironico havia desapparecido dos labios do bello psychiatra.

— Chegou muito tarde, Dr. Downer, disse elle recebendo o velho medico. Ida está morta. Morreu poucos minutos depois de haver Mauricio sahido á sua procura...

O Dr. Downer tinha um ar de espanto.

— Mas ainda hontem a deixei passando bem! O seu pulso era quasi normal!... Nunca vi uma pneumonia actuar com essa rapidez... Com certeza houve alguma complicação... o coração, talvez...

E balançava a cabeça, desconsoladamente. O Dr. Sebastien tinha um ar grave.

— Sentimental velho louco! disse elle comsigo mesmo. E em seguida, em voz alta: Fizemos o que foi possivel, Doutor. O senhor tambem foi de uma grande dedicação. Mas, infelizmente, não a pudemos salvar. E' o destino...

Voltou-se para Maurice Gretz, que era quem tinha ido em busca do medico.

— Maurice, quer conduzir o doutor de volta?

Estava se despedindo do velho medico quando um grito angustiado se ouviu, um grito de mulher: — Dr. Downer, por favor! Dr. Downer!

— Ida! gritou o medico, estarrecido. Chamando por mim! Não ouviram a sua voz?

— Doutor, Ida está morta! disse Sebastien, immovel, erecto. Você ouviu alguma cousa, Maurice?

— Nada! respondeu o outro. Ouço apenas o vento e a chuva.

O Dr. Downer ficou um momento silencioso, hesitante. Por fim, balançando a cabeça, murmurou:

— Deve ter sido uma illusão!...

Entrou no carro, acompanhado de Maurice. Quando elles desappareceram, o sorriso ironico voltou aos labios do Dr. Sebastien. A tempestade foi amainando, a chuva cessou pouco a pouco. E o silencio voltou a reinar na noite escura...

—-—

No "New York Fifth Avenue Club" realizava-se uma festa. Era a kermesse do "Women's Auxiliary Charity" e o clube estava repleto quando alli chegou Gil Sawyer. Repleto de gente da melhor sociedade de New York. Gil estava preparando uma reportagem sobre a festa, pois trabalhava em um jornal de propriedade de Lawrence Watkins.

Acontecia que a esposa de Watkins, Louise, tinha uma irmã, Linda Boothe, acomettida de séria doença de nervos. Por isso Louise fazia o possivel para que a irmã se distrahisse, frequentasse festas. Era por isso que Linda, a quem Gil amava, alli estava. Sentada em uma poltrona, fixava em ponto vago o seu olhar absorto, tristonho.

— Em que está pensando, Linda? perguntou Gil, procurando distrahil-a.

— Não sei, Gil. Entendia-me que você e Louise me perguntem sempre isso. Não deviam se preoccupar commigo.

— Querida! pediu Gil com doçura. Você devia dominar os seus pensamentos. Parece que vive rondando os proprios sonhos...

— E são sonhos máos, disse ella como si estivesse falando comsigo mesmo.

Seus olhos distrahidos fitaram um ponto do salão. Gil voltou a cabeça em direcção do seu olhar e viu um homem alto, sympathico, que se approximava em companhia de Louise.

— Linda, disse a irmã, apresento-lhe o Dr. Sebastien, de Vienna. Encontramo-nos casualmente aqui na festa. Mas... não tenha medo, que não é mais um medico que trouxe para lhe tratar.

Louise disse as ultimas palavras com um sorriso. Gil olhou para o recem-vindo, em cujo rosto immovel somente os olhos tinham expressão. Aquelles olhos negros, de brilho intenso, fixavam-se absorventemente sobre a suave figurinha de Linda.

— Então, Doutor, propoz a moça, permitta-me que eu leia o seu futuro, em beneficio da "Women's Charity". Dê-me suas mãos...

— Obrigado, retrucou o Dr. Sebastien com um leve sorriso em seus labios finos. Mas prefiro as incertezas do futuro...

Entrementes, Louise tomou o braço de Gil e pediu-lhe:

— Acompanha-me, por favor. Precisamos combinar o que vamos escrever sobre a festa, não Gil?

Afastaram-se, deixando Linda em companhia do Dr. Sebastien. A moça sentia uma immediata e irresistivel sympathia pelo seu novo conhecimento. Ao fim de alguns minutos de palestra, já tinha uma confiança sem limites naquelle homem attrahente, calmo, que apparentava uma extraordinaria segurança. Um ar que lhe trazia um conforto absoluto.

— O seu trabalho deve ser realmente

absorvente, dizia-lhe ella. Imagine! Explorar o fundo das almas extranhas...

— A maioria das almas não têm nada de extraordinario. Quasi todas são vulgares. E' muito difficil encontrar-se um caso realmente interessante.

Gil chegou de volta. Trazia um olhar desgostoso. E' que Louise havia lhe contado que preparara o "encontro casual" do Dr. Sebastien com a irmã. Ella desejava que o famoso psychiatra fosse o medico de Linda, mas sem que ella o suspeitasse. Pobre Linda! Ficára com os nervos e a saude do espirito muito abalados depois do suicidio de seu pobre pae... Em todo o caso, o facto é que Gil não estava sympathisando com o novo medico.

— Linda, disse o rapaz, vamos dar uma volta pelo terraço. Preciso lhe falar.

O Dr. Sebastien inclinou numa cortezia correcta. Linda e Gil sahiram em direção ao terraço. Lá chegados, sentaram-se junto ao parapeito, contemplando a tarde que morria, tingindo o sol poente o horizonte de uma gramma infinita de tons de ouro e purpura. Lá embaixo, na rua, uma multidão apressada movimentava-se nos affazeres de todos os dias.

— Sabe o que está aquella multidão fazendo? perguntou Gil num tom de voz que se esforçava por ser alegre. Não? Pois saiba que está esperando pelo meu artigo sobre a festa da "Women's Charity"!...

Linda olhava absorta, pouca attenção dispensando ao companheiro.

— Lembra-se de sua promessa, Linda? perguntou Gil com uma doçura infinita na voz. Si eu conseguisse um bom emprego no jornal...

— Mas, Gil, retrucou a moça. Eu o faria muito infeliz si me casasse comsigo...

Fitou-o sorridente, procurando consolal-o.

— Não falemos nisso agora. Você não vae telephonar para o jornal?

Evidentemente era um pretexto para se ver livre delle. O rapaz comprehendeu, mas concordou.

— Sim, vou telephonar. Não me demorarei mais que um minuto. Dentro em pouco estarei de volta.

Logo que a moça se viu só poz a olhar para baixo, para a multidão azafamada que lá redemoinhava. Sentia sensações extranhas invadir a sua alma. A vertigem das alturas a empolgava. Agarrou-se ao parapeito, os nervos vibrando ante a crise hysterica que se approximava.

— Meu Deus! Tenho medo... tenho medo...

A escuridão a envolveu toda! Pareceu-lhe apenas perceber o vulto de Gil reclinado sobre ella. Ouviu sua voz angustiada.

— Ceus! Deixei-a só apenas um minuto! Levemol-a para a casa. Um carro!

— Sim! soluçava Louise. E chame tambem o Dr. Sebastien!

———

O Dr. George Sebastien estava em seu escriptorio, olhando pela larga janella as luzes sem numero da cidade immensa. Largo tempo ficou em pé, erecto, perdido em pensamentos. Depois voltou-se para o seu fiel logar-tenente, que permanecia silencioso, commodamente installado em uma poltrona.

— Mauricio. Você gostaria de ser rico?

Sem esperar resposta, continuou:

— Hoje fui apresentado a Linda Boothe. Uma nova cliente, um caso interessante: complexo de suicidio. Si eu me casasse com ella... e ella morresse...

— Ficariamos ricos! terminou Mauricio Gretz.

O Dr. Sebastien relanceou os olhos pelo aposento e percebeu um jornal sobre a mexa. Era a gazeta de Midbury.

— Como veiu este jornal parar aqui?

— Comprei-o casualmente, explicou Mauricio. Gosto de saber que andam fazendo os velhos amigos. Por exemplo, o velho Dr. Downer, que você não quiz que eu matasse, acabando assim com aquellas suspeitas de assassinato.

— O velho tonto assignou o attestado de obito de Ida. Portanto ella morreu de pneumonia... E não falemos mais nisso...

———

Na manhã seguinte, Linda Boothe estava encantadora, com uma deliciosa toilette de verão, quando entrou no escriptorio do Dr. Sebastien. Encontrou o psychiatra contemplando um globo, um mappa do mundo.

— Eu estava no Equador quando você entrou, disse elle num sorriso. Havia em torno de mim uma porção de lindas flores e de bellas arvores. Porque alli é o paiz do sol, da paz e da belleza...

Fascinada, Linda seguia com os olhos o roteiro que o medico traçava sobre o globo.

— Deve ser o Paraiso! murmurou.

— Sim, é o Paraiso...

A visita de Linda foi ligeira. Quando ia sahindo lembrou ao Dr. Sebastien:

— Não vá esquecer o jantar de Louise, hoje.

— Oh, não!

Acompanhou-a até o elevador.

— Até ás oito, então!

— Até logo.

Quando a porta do elevador se abriu, Linda viu, com surpreza, Gil que a buscava.

— Linda, preciso lhe avisar, que esse tal Dr. Sebastien não passa de um charlatão! Isso não pode continuar.

— Você está parecendo meu tutor, hein? Pois saiba que gosto muito delle e seus cuidados me desagradam.

O rapaz não se deu por achado. Acompanhou-a fóra do elevador e andando ao seu lado, pela rua, continuou:

— Vamos, seja cordata. Venha commigo a Long Island. Conheço um excellente medico, que lhe curará.

— Não seja tolo, Gil. Não me entedie com essas cousas.

O rapaz obedeceu. Acompanhou-a em todo o caso. Depois de um longo passeio, conduziu-a á casa. Linda convidou-o a entrar, para um "cock-tail". Gil acceitou, protestando que não ficaria para o jantar.

Mas por alli se deixou ficar, conversando, até a chegada do Dr. Sebastien.

— Estimo muito vel-o, disse ao medico com affectada delicadeza. Eu estava justamente querendo conversar comsigo, para que me fornecesse algumas notas para um artigo que pretendo escrever sobre psychiatria.

Sentou-se junto ao piano, emquanto o medico permanecia de pé, erecto, sem mover um só musculo do rosto.

— Um dos maiores psychiatras que já ouvi falar, morou algum tempo em Savannah, onde perdeu sua mulher, creio que victima de uma pneumonia... Era um medico formado pela Universidade de Berlim, ahi por volta de 1912. Hoje deve estar com uns cincoenta annos, mais ou menos. Muito mais velho que o senhor, não é verdade?

Olhou para Sebastien. Percebeu que alguem havia entrado na sala e escutado toda a conversa. Voltou-se e viu que era Mr. Watkins, o seu patrão.

— Sou eu o medico a que Mr. Sawyer se refere, Mr. Watkins, disse com voz calma e suave o Dr. Sebastien. Evidentemente elle sabe disso...

A serenidade do medico fez o rapaz perder a calma.

— Sim! Eu sabia disso! E sei tambem que se intitula medico de almas e que se apoderou do espirito de Linda! Ella tem confiança em si, mas não sabe que o senhor não é mais do que um charlatão!...

Calou-se immediatamente. E' que os tres homens perceberam que Linda havia entrado na sala. Havia escutado, horrorizada, o desabafo de Gil.

O Dr. Sebastien, perfeitamente calmo, sentou-se junto ao piano e poz-se a tamborilar as teclas, suavemente.

— Linda... disse com sua voz doce e grave. Linda, você tem confiança em mim?

— Sim — disse ella em voz baixa, quasi num sopro.

— Diga-me... o que estava pensando naquella tarde, quando desmaiou na festa da "Women's Charity"?

Os olhos de Sebastien fitavam a moça magneticamente. Ella parecia inteiramente dominada por aquelle olhar poderoso, que absorvia toda a sua vontade. Foi dizendo em voz baixa, como que num sonho:

— Via uma pequena... e um homem, o seu pae... Era num jardim, ha muito tempo já...

Louise, que havia entrado na sala, permanecia immovel num canto, estarrecida! Sebastien, com os seus poderosos olhos fitos nos de Linda, ordenou mansamente:

— Linda, continue!

— O homem deu um beijo na pequena... um beijo de despedida. Depois cerrou o portão do jardim e desappareceu na escuridão da noite...

Havia na voz de Linda a agonia, o desespero!

— Depois... um tiro! E o homem foi encontrado morto!

Ouviu-se um gemido de angustia. Era Louise, apavorada ante a descripção do suicidio de seu pae. O Dr. Sebastien tomou as mãos de Linda, confortando-a.

— Esse é o complexo que actúa sobre a sua alma. Não sou um magico, mas sentir-me-ia feliz si pudesse cural-a. Si precisarem de mim, chamem-me, por favor! Penso que não acreditam que eu seja um charlatão... Boa noite, senhores!

Algo extranho se passava na alma do Dr. George Sebastien. O homem que, ha muitos annos já, havia perdido a fé na humanidade, o homem que havia encontrado sua adorada esposa um dia nos braços de outro homem, o homem que havia commettido então um assassinio, o evadido das prisões de Vienna — aquelle homem estava apaixonado!

Rememorava o passado. Era antigamente o Dr. Frederick Langer, estudioso apaixonado dos trabalhos de psychiatria. Depois da tragedia de sua vida, tomára o nome de George Sebastien. Foi quando toda a compaixão e todo sentimento bom desappareceu de sua alma. Tornou-se frio e inflexivel. Mas agora...

Sentia uma felicidade immensa ao conversar com Linda, no terraço do "Fifth Avenue Club".

— Veja, olhe lá em baixo as luzes da cidade, como parecem estrellas. Sabe? Estou sempre me lembrando daquelle logar que você diz que é o Paraiso!

— Não tem medo, Linda, de olhar para baixo. Esqueceu a vertigem do outro dia?

— Não. Estou com você. Não tenho medo...

George Sebastien abraçou-a docemente. No rosto de Linda a felicidade espelhava-se, ao tempo que ella ouvia as velhas palavras sempre novas para os namorados.

— Eu te amo, Linda...

Nessa mesma hora, o Destino, personificado na pessoa de Gil Sawyer, tecia a sua teia em Savannah, na casa em que Ida morrera de maneira tão extranha...

— Então você pretende ir para o Equador sem mim? dizia o velhaco Mauricio Gretz ao seu parceiro Sebastien, no dia seguinte. Eu, que tenho tomado parte em toda a sua vida — em todos os seus crimes — desde a evasão da prisão de Vienna? Mas creio que não vae ser muito facil, meu caro Sebastien. Olhe isto...

Era o jornal de Savannah. O medico ficou estarrecido com o que nelle leu. O Dr. Downer havia pedido e obtido permissão para exhumar o corpo de Ida Sebastien. A noticia continuava, dizendo que era apenas para mudar o corpo de uma sepultura para outra.

— Você acredita nisso, George? perguntou Mauricio sorrindo com os seus olhos velhacos.

Sebastien devolveu-lhe o jornal nervosamente.

— Mauricio, é preciso que você vá a Savannah! Você jamais me faltou e agora...

Continuou falando durante algum tempo com voz quasi supplicante. Quando Mauricio sahiu, elle correu ao telephone, ligando para Linda. Sua voz era doce e não trahia a agitação que se achava possuido. Procurava convencel-a que deviam casar immediatamente. A moça estava hesitante.

— Não sei o que Louise e Watkins vão pensar... Mas si você assim quer...

No dia seguinte pela manhã Linda Boothe tornou-se Mrs. Sebastien, com assentimento de Lawrence e Louise.

— Isto é maravilhoso! dizia ella encantada. Em poucas horas — casada e de malas feitas para o Equador!

Watkins e sua esposa os deixaram. Iam comprar-lhes um presente e prometteram encontral-os dentro em pouco, a bordo do navio. O Dr. Sebastien e sua esposa tomaram um carro. Nesse momento o medico percebeu no cabeçalho de um jornal, nas mãos do vendedor, uma "manchette" aterradora:

O EXAME DO CORPO DE UMA MULHER, EXHUMADO EM SAVANNAH, REVELOU UM ASSASSINATO!

Não precisou ler mais nada! Sabia que tinha apenas poucos momentos para se salvar! Ordenou ao motorista que rumasse para o seu appartamento. E' que havia esquecido as passagens, disse elle a Linda. Fez a noiva esperar no carro e subiu como um relampago.

No seu appartamento estava Mauricio, calmamente sentado.

— Já sei tudo, exclamou Sebastien desesperado.

— Sim? fez o outro socegado. Mas ainda não sabe o peior. O Dr. Downer veiu para Nova York no mesmo trem que eu!

— Tenho medo, Mauricio! disse o medico, deixando-se cahir numa poltrona. E' preciso que você o encontre antes que elle nos encontre!

— Já sei. Segui-o. Sei onde elle está, no Empress Hotel.

E com um sorriso de cruel ironia, accrescentou:

— Agora o negocio é com você!

George Sebastien tomou uma resolução subita. Desceu rapidamente em busca de Linda.

— Sinto muito, querida. Mas um dos meus doentes está passando muito mal. E' um caso gravissimo! Peço-lhe que suba e me espere no meu appartamento. Não perderemos o vapor! E' só um instante.

No Hotel Empress Sebastien soube que o Dr. Downer havia sahido. Fôra para a Bibliotheca Publica. Tomou o taxi e rumou para lá. Encaminhou-se immediatamente para a Secção de Medicina, deixando Gretz, que o havia acompanhado, no taxi. Tambem lá o doutor não se encontrava. Já tinha sahido. Sebastien percebeu um livro aberto sobre uma mesa, em que se via um photo com a inscripção: "Frederick Langer, estudante de honra"!

Desceu como um furacão. Mauricio, que estava á sua espera, informou:

— O Dr. Downer desceu neste instante e tomou um taxi, dando o enderejo do jornal de Watkins!

— O jornal de Watkins! pensou Sebastien. Ah! Fôra então Gil Sawyer o autor de tudo aquillo! Mas... talvez ainda não fosse tarde... Si pudesse fugir!... O importante era que Linda de nada soubesse...

Emquanto esses pensamentos tumultuavam no cerebro de George Sebastien, o Dr. Downer dizia, pelo telephone, a Linda:

— Aqui fala um velho medico de Savannah, Mrs. Sebastien. Sim... estou no escriptorio de Mr. Sawyer, aqui no jornal. Chamei-a para lhe avisar que o Dr. Sebastien é um evadido da prisão de Vienna. Está sendo procurado por um assassinato em Savannah...

— Como? Não é possivel! Deve ser engano!

— Não! Não é engano. O verdadeiro nome delle é Frederick Langer. Como? Não, Mr. Sawyer não está aqui. Mas...

— Por favor! Preciso lhe falar immediatamente! Vá ao meu encontro na Estação da Rua 79. Estarei á sua espera em um taxi! Sim. A' porta da estação da "subway"...

Desceu desesperada e tomou um carro, rumando para o logar marcado. Lá chegando ficou contando anciosamente os minutos, que pareciam seculos.

(Conclue na pag. 32)

INTERPRETES

Amelia Cornell..OLIVIA de HAVILLAND
Tony Baldwin............JEFFREY LYNN
Julius Malette....CHARLES WINNINGER
Dusty Rhodes...........EDDIE ALBERT
Joy O'Keefe.... ....JANE WYMAN
Mrs. Malette........SPRING BYINGTON
Paul Malette.............WILLIAM ORR
Valerie Malette..............ANN GILLIS

Adaptado do film da Warner Bros. "EPISODE"

Dirigido por Kurt Bernhardt - De uma historia original de Walter Reisch.

Musica em seu coração! Musica em toda a parte, bailando no ar suavemente e envolvendo-a toda numa larga onda! Amelia Cornell sentia-se inteiramente dominada pela deliciosa melodia de uma linda valsa, emquanto esperava, no vasto hall, por Mr. Malette.

Julius Malette estava tardando. E' que um milhão de affazeres tomava o tempo todo do novo Presidente da "Brissac Academy of Music", que já tinha tanto o que fazer na "Monarch Instrumental Ic.", da qual era director. E o hall ia se povoando de uma multidão elegante, vestindo trajes de soirée...

Para Amelia aquelle era um ambiente excitante e novo. Aliás ella estava vivendo ultimamente como num sonho!... Desde o dia em que Mr. Malette havia se interessando por ella, pobre moça que sonhava tornar-se um dia uma grande violinista. Antes disso, o curso que seguia na Brissac estava se tornando cada vez mais difficil. Nem siquer lhe permittiam que désse licções fóra, afim de melhorar um pouco a sua situação financeira, que era precaria. Sua vida tinha se tornado dia a dia mais difficil, até que Mr. Malette... Bondoso Julius Malette!...

Havia lhe proporcionado tudo, até audições de concertos, operas, symphonias. Presenteára-lhe com uma linda victrola! Dava-lhe optimos conselhos. Naquella noite elles deviam ir a...

— Miss Cornell? e uma voz agradavel veiu tiral-a de seus pensamentos. Miss Amelia Cornell?

Era um rapaz alto e sympathico, impeccavelmente trajado. Muito alto mesmo. Cabellos castanhos e profundos olhos negros. Tinha nos labios um vago sorriso, ao qual Amelia correspondeu, affirmando que era, effectivamente, a pessoa que elle procurava.

— Venho da parte de Mr. Malette. Pediu-me que a procurasse para prevenil-a que sente muito, mas não pode vir ao encontro marcado. Sentiu-se um tanto indisposto depois do jantar.

E com uma leve cortezia:

— Boa noite.

— Espere! gritou-lhe Amelia, quando elle já se ia retirando. Um minuto, por favor! Espero que a doença de Mr. Malette não seja grave...

— Oh! Apenas uma ligeira indisposição.

Ficaram um momento parados. Do salão de baile ao lado vinha uma musica alegre, insistente e convidativa. Amelia adorava a dansa. E a muito tempo já que não dansava. Desde que se tornára amiga de Mr. Malette.

— E' uma orchestra maravilhosa, não acha? perguntou sorrindo.

— Sim. Si me permitte um convite... respondeu elle com outro sorriso.

Chamava-se Tony Baldwyn. Era mais que um simples amigo de Mr. Malette. Era o gerente geral da "Monarch Inc.". Dansava admiravelmente. Dansava como Amelia havia desejado. Dansaram juntos

...ante muito tempo, passando assim algumas horas encantadoras. Agora eram amigos, quasi intimos.

— Mr. Malette é muito amavel, declarou a moça em certo trecho da palestra, sentindo-se invadida por uma subita onda de ternura pelo seu velho protector.

— Sim... retrucou vagamente Tony, ao tempo que o sorriso desapparecia dos seus labios. Mas... por favor, não falemos mais nelle.

Realmente, não mais falaram em Julius Malette. Conversaram sobre muitas cousas, dansaram muito. A orchestra executava o "Danubio Azul" deliciosamente, como um côro de harpas de ouro. E quando o saráu terminou, Amelia sentia-se immensamente feliz, perfeitamente feliz. Seu espirito estava cheio de gratidão a Tony Baldwyn, que lhe havia proporcionado aquella noite e a Julius Malette, a quem devia sua nova amizade.

Tony conduziu-se á casa, uma pobre casa de appartamentos, onde ella repartia o seu aposento com Joy O'Keefe, outra alumna da "Brissac Academy". Durante o trajecto iam conversando e Amelia sentia-se cada vez mais penetrada de um doce enlevo.

— Você dansa admiravelmente, disse ella ao seu companheiro.

— Ninguem póde dansar mal com você, Amelia.

Havia um tom extranho na voz do rapaz.

— Eu...

A moça sentiu, adivinhou que elle ia tomal-a em seus braços, beijal-a. Mas nesse momento o carro parou. Tinham chegado ao termo da viagem.

Amelia saltou. Sua aventura daquella noite havia feito uma pausa. Uma pausa até a proxima vez que se encontrassem. Porque isso era inevitavel. A pequena ficou algum tempo hesitante, sob a luz pallida das lampadas da rua.

— Sou immensamente grata pela ventura desta noite, Tony! e olhou para elle com doçura. Tão grata quanto a Mr. Malette...

— Malette! ecoou Tony. Sua face crispou-se. Eu já havia quasi esquecido Malette!...

A moça percebeu então que qualquer cousa extranha se passava no espirito de Tony Baldwyn. Sentiu que elle ia partir e que jamais voltaria. Havia um engano qualquer, que ella não podia adivinhar.

— Já lhe disse, Tony, que sou violinis... Não quer me ouvir qualquer...

— Sinto muito, Amelia. Mas devo estar muito occupado durante uma ou duas semanas...

A moça sentiu que havia qualquer cousa que elle não lhe diria e durante um instante o fitou sorrindo. O rapaz sentia a mesma angustia que ella, mas ficou silencioso. Então ella pensou que seria uma tolice suppor que aquelle homem a pudesse amar. E num sorriso triste:

— Sinto muito, Tony. Adeus...

———

... Amelia Cornell vi-

ver os dias que se seguiram lembrando-se sempre do bello Tony Baldwyn. Justamente como ella previra, elle não a procurára, nem siquer lhe telephonára. Sómente a memoria daquella noite encantadora povoava o seu coração de sonhos. Mas — pensava — o que haveria? Que cousa mysteriosa poderia ter feito Tony entristecer-se subitamente? Porque elle não a procurava?

E sua vida continuava com a rotina de todos os dias. A mesma pobreza do appartamento. Horas de exercicio. Aulas na...

"Brissac Academy"...

Dusty Rhodes e Joy O'Keefe — Dusty era o namorado de Joy — viviam insistindo com ella para que formassem uma orchestra de estudantes. Obteriam sucesso na certa, affirmava o impetuoso Dusty. Mas Amelia, desalentada, não se abalançava a isso.

Um dia a campainha do telephone soou e o coração da moça adivinhou logo, por intuição, de quem era o telephonema. Sim era elle, era bem a sua voz suave e profunda. Pedia-lhe um encontro. Dizia-lhe o logar, o "Benny". Sim, ella sabia onde era. Mesmo que fosse no Polo ou na Conchinchina, ella iria do mesmo geito. E com o coração aos pulos, assentiu:

— Sim! Oh! Sim!

Algumas horas depois, naquella mesma tarde, Amelia estava sentada junto a uma pequena meza, num canto solitario do "Benny". Procurava sorrir, fitando o seu companheiro, inquieta pelo seu ar grave.

— Julguei que não nos vissemos mais, disse com voz tremula.

— Não, Amelia. Eu precisava encontral-a.

A voz de Tony era tensa, occultava preoccupações.

— Amelia. Paul Malette descobriu a sua amizade com o velho Julius. Falou-me hoje...

— O que? Quem é Paul Malette?

Tony fitou-a um instante.

— E' o filho de Mr. Malette. Você não sabe que elle tem dois filhos?

Esperou um momento pela resposta da moça, que apenas sacudiu a cabeça. Então continuou:

— Bem. Agora você já sabe tudo... Isso não lhe faz differença?

— Não. Que me importa isso? respondeu ella, innocentemente.

— Exquisito! fez Tony, com um olhar vago. Ha momentos em que você é doce e gentil, uma moça amavel e delicada. Porém ha outros em que se mostra dura e fria...

— Mas... o que está você dizendo? interrogou Amelia, estupefacta. Seus olhos brilharam de indignação quando Tony continuou.

— Amelia, você é muito boa para isso... Merece melhor destino. Por causa do erro de um momento, não deixe se perder completamente... Dinheiro não é tudo neste mundo. Principalmente o dinheiro assim ganho.

— Tony!!!

Subitamente, horrorizada, ella começou

temporas! Que direito tinha Tony Baldwyn de pensar daquella maneira a seu respeito?...

Quando abriu a porta do appartamento, outra surpreza a aguardava. Alli estava, á sua espera, um casal de visitantes. Um rapaz, de cerca de vinte annos, bem apessoado e sympathico e uma moça, de dezoito annos talvez, orgulhosa e quasi bonita. Levantaram-se quando Amelia entrou.

— Miss Cornell? perguntou o moço. Eu...

— Sim, está claro que é ella, interrompeu a orgulhosa menina. Onde poderia ter comprado aquella victrola "Monarch" que alli está e que ainda não foi lançada no mercado? Miss Cornell, somos Paul e Valerie, filhos de Julius Malette! Fale agora, Paul...

O rapaz tossiu, embaraçado.

— A senhora sabe... Nós viemos aqui... bem... devido a...

— Vamos! interrompeu Valerie bruscamente. Miss Cornell conhece Tony Baldwyn, não é verdade? Creio que a senhora trabalha na "Monarch", na secção de Publicidade, não é?

Amelia estava perplexa.

— Sim, conheço Tony. Mas nunca trabalhei em publicidade...

— Então, como explica a senhora a origem deste cheque?

E estendeu para Amelia o cheque que Mr. Malette lhe havia dado para pagamento de seu curso na "Brissac", já devidamente endossado por ella propria. A moça não cabia em si de espanto.

— Mas, diga-me... Como poude esse cheque ir parar ás suas mãos?

— Isso não lhe interessa! retorquiu Valerie. O essencial é que o recebeu de Mr. Baldwyn, e não foi pagamento de serviços de publicidade, como elle me explicou, mentindo! Vou falar a Papae!

Muito tempo depois da porta se haver cerrado sobre os visitantes ainda Amelia permanecia absorta, espantada com tudo o que se havia passado? Publicidade? Tony? Mas deviam estar todos loucos! Vagueou o olhar pelo aposento. Seus olhos pararam no telephone. Correu para elle e ligou para Tony Baldwyn.

Uma hora depois de ter abandonado o "Benny" desesperada, novamente Amelia lá se achava, sentada na mesma mesa, defronte a Tony, que acorrera ao seu chamado. Havia uma linha dura nos cantos dos labios do rapaz e o seu olhar era sombrio e carregado.

— Céos, Amelia! O que está você ... dizendo?!

Um sorriso largo illuminou o rosto de Tony Baldwyn.

— Agora comprehendo tudo!

Havia uma alegria intensa na voz do rapaz ao perceber que Amelia estava innocente da terrivel suspeita que haviam lançado sobre ella.

— O peior, Tony, é que agora a pequena Valerie, que já sei que é quasi sua noiva, vae pensar que você me ama...

— E a mim pouco importa que ella pense assim. Porque quero que você saiba, Amelia, que...

— Scio! Primeiro terminemos este malfadado caso. Vou escrever uma carta a Mr. Malette, agradecendo sua generosidade, devolvendo-lhe o cheque e pedindo-lhe que não mais me procure...

— Mas... onde está o cheque?

— Está aqui. Valerie deixou-o commigo. Devolvel-o-hei hoje mesmo.

Quando Amelia retornou ao seu appartamento, estava radiante. Cantava baixinho uma doce canção, cuja letra toda se compunha de uma unica palavra: Tony... Tony... Tony...

Sentou-se á escrivaninha e escreveu a carta promettida.

"... sou profundamente grata por tudo que fez por mim e pelo inestimavel auxilio que me prestou. Mas não posso acceitar sua generosidade por mais tempo..."

Dusty e Joy entraram justamente no momento em que ella terminára a carta, á qual juntou o malfadado cheque.

Dusty, alegre e impulsivo, começou a sua arenga de sempre:

— Ha cento e vinte milhões de pessoas neste paiz que estão anciosos por nos ouvir. Vamos, Amelia! Precisamos organizar a nossa orchestra. Com algum dinheiro, está tudo arranjado!... Já tenho um empresario que está esperando por nós anciosamente!...

— Mas não temos dinheiro...

— Ora! Precisamos apenas de uns duzentos dollares para as primeiras despezas. Pagaremos logo isso...

Os olhos de Joy brilharam.

— Amelia! E o seu cheque para pagar a academia?

— Isso! applaudiu Dusty. Emprestenos esse dinheiro, Amelia, que o devolveremos logo e com largos juros!

— Impossivel, meus amigos. Sinto muito desapontal-os, mas nem mesmo vou

— Oh! E' muito gentil vindo visitar-me... fez a moça, recebendo-o com um sorriso.

Paul entrou, timido, e poz-se a observar disfarçadamente o aposento. Notou logo as flores, o arranjo especial do appartamento.

— Está esperando alguem? perguntou. Nesse caso, permitta-me que me retire. Voltarei em outra occasião...

Amelia percebeu logo que o rapaz estava apaixonado por ella. Mas não fez o menor empenho em retel-o. Estava esperando Tony. Acompanhou-o até o patamar.

Quando alli chegaram, ouviram passos de alguem que subia as escadas. Amelia e Paul olharam... Santo Deus! Que surpreza! Paul reconheceu immediatamente a cabeça grisalha de seu pae!

Amelia comprehendeu que aquelle incidente ia lhe acarretar dissabores sem conta. Afim de evitar males maiores pediu ao seu novo amiguinho que se refugiasse no hall, no que foi immediatamente attendida. Mal Paul havia se occultado, Mr. Malette já se achava em presença de Amelia e dizia-lhe, alegre e sorridente:

— Estou lisonjeado! Então você já conhece tão bem os meus passos que sae para me receber!... Não mais preciso me annunciar, não é verdade?

Amelia estava estarrecida. Certamente Paul, do seu refugio, devia ter ouvido aquella phrase e iria ficar pensando o peior a seu respeito! Jamais poderia se justificar!

O velho Malette demorou-se poucos minutos, apenas. Em todo o caso o tempo sufficiente para que Amelia comprehendesse que ainda não havia recebido sua carta. Quando elle se retirou, a moça deixou-se cahir numa cadeira, relaxando os nervos da enorme tensão nervosa que havia supportado... Santo Deus! Ainda bem que Tony não tinha chegado numa hora daquellas!...

Tony não veiu. Nem naquella noite, nem nas noites que se seguiram, com grande surpresa da moça, que não podia comprehender porque. Um dia, desesperada, procurou telephonar-lhe. Do outro lado do fio uma voz impessoal, naturalmente cumprindo ordens, respondeu-lhe que Mr. Baldwyn estava muito occupado, não podia attender. Amelia então desanimou. Julgou que Tony jamais a havia amado. Queria apenas que ella restituisse o cheque de Mr. Julius Malette.

Passou ainda uma semana.

Dusty e Joy, que haviam arranjado dinheiro não se sabe onde, irromperam um bello dia no appartamento. Estavam casados e pareciam felicissimos. Um agente de musica havia lhes arranjado um optimo contracto para a orchestra que haviam formado e que devia estréiar numa importante festa de apresentação de uma "jeune-fille" á sociedade novayorkina.

— Ouça, querida! disse-lhe Joy alegremente. O agente sómente impoz uma condição a Dusty: que você faça parte da orchestra!

— Sim, Amelia, confirmou o rapaz. Nós precisamos de uma solista que, além de boa musicista, tenha um lindo palminho de rosto! A unica pessoa neste caso é você! Vamos... peça permissão á Academia e venha comnosco.

— Permissão á Academia? fez Amelia. Pouco me importa a sua permissão! Quasi me arruinaram já com suas exigencias. Si vocês assim o desejam, acceito o logar!

Amelia não perguntou aos seus amigos onde era a festa na qual elles iam tocar. Tambem Joy e Dusty nada lhe disseram.

Chegou a grande noite. Amelia, vestindo uma deliciosa toilette de soirée, estava encantadora e contemplava o grande salão, que se enchia de uma multidão de convidados, gente aristocratica e elegante.

— Nada de timidez, nada de temores! aconselhava Dusty Rhodes, talvez para encorajar a si proprio, pois estava mais nervoso que os companheiros! Coragem! Somos artistas e desta noite depende o nosso futuro!...

Appareceu a dona da casa, mãe da "jeune-filie" que, naquella festa, ia ser

(Conclue na pag. 33)

INTERPRETES

Ellen	IRENE DUNNE
Nick	CARY GRANT
Burkett	Randolph Scott
Bianca	Gail Patrick
Mama	Ann Shoemaker
Tim	Scotty Beckett
Chinch	Mary Lou Harrington

Ellen Arden nunca acreditára que alguem pudesse exaltar-se tanto quanto ella propria, naquelle momento...

Andava nervosamente pelo "living-room" de sua luxuosa vivenda de Los Angeles. Parou um instante deante de sua sogra, estremecendo de furor!

— E pensar — protestava ella, que o seu marido, o seu Nick, a havia esquecido depois daquella ausencia de sete annos! E, por cumulo, ainda havia se casado com outra!

O peior é que, logo á chegada de Ellen, a Companhia de Seguros a tinha declarado legalmente... morta! Era o cumulo! Ella não tinha culpa que a expedição scientifica, com a qual partira ha sete annos atraz, houvesse desapparecido... E que ella e um dos expedicionarios, Stephen Burkett, houvessem ficado sós, sem o menor contacto com o resto do mundo, durante aquelles sete longos annos...

A verdade é que tambem Nick não era culpado disso. Mas... mesmo assim, porque não havia elle esperado mais um pouquinho?!... Porque se casara novamente? E essa tal Bianca Bates... quem seria ella?

A Senhora Arden fez menção de abrir

MINHA ESPOSA FAVORITA

Adaptado do film da RKO-Radio "My Favorite Wife" - Dirigido por Garson Kanin - De um "screen-play" de Bella e Samuel Spewack.

a bocca para falar. Mas Ellen não lhe deu opportunidade para isso. Nada neste mundo poderia interromper aquella torrente furiosa de palavras!

Não! Ella conhecia exactamente o typo de mulher que era a tal Bianca... mesmo sem nunca tel-a visto! Uma cavadora de ouro! Interessada por Nick somente por julgal-o um advogado de grande futuro! Sim, era isso...

Pois bem. Ella não se resignaria assim tão facilmente. Ia mostrar a Bianca o quanto valia! Havia de reconquistar o marido, roubado de seu lar e seus dois filhos!

Ao pensar em Tim e Chinch sua physionomia tornou-se mais doce. Eram duas criancinhas quando ella partira na malfadada expedição. Mas agora... Tim era um jovenzinho de dez annos e sua irmã uma deliciosa garotinha de oito annos. Em verdade, elles não a tinham reconhecido e ella, não querendo chocal-os, não lhes revelara quem era, deixando isso para mais tarde, quando houvesse estabelecido uma maior intimidade entre elles e reconquistado o seu affecto.

Ellen Arden voltou os seus pensamentos para Nick e Bianca. E durante longo tempo ficou imaginando o que devia fazer. Sabia onde elles estavam, em Yosemite Park, para onde haviam partido naquella mesma manhã de sua chegada. Porque elles haviam casado na vespera e emprehendido uma viagem de nupcias. Planejavam passar a lua-de-mel no romantico parque. Ellen precisava, a todo o custo, evitar a consummação do que ella julgava um grave erro.

Estava certa de que Nick ainda a amava e somente se casara com Bianca porque a julgara morta. Effectivamente isso era verdade. O rapaz, sozinho, com os seus dois filhos, julgando-se viuvo, pensou que era melhor casar-se novamente.

Ellen Arden partiu, no primeiro avião, para Yosemite Park. Lá chegando, encaminhou-se immediatamente para o hotel, onde uma terrivel surpresa a aguardava: Nick e sua nova esposa lá estavam registrados no livro de entrada dos hospedes. Ah! Mas não havia de ser como elles pensavam. Tomou um aposento e mandou chamar o seu marido.

Nick attendeu-a immediatamente. O encontro de ambos foi pathetico... Ao fim de alguns momentos, Ellen estava aconchegada nos braços do rapaz, relatando-lhe a sua espantosa aventura. Contou-lhe tudo. Tudo não! Ommitiu-lhe que, durante os sete annos que permanecera na ilha deserta, havia tido um companheiro, Stephen* Burkett, e que este se apaixonara por ella.

Nick estava em brazas ao ouvir as historias de Ellen. Quando ella terminou, fitou o rapaz bem nos olhos e pediu-lhe, muito docemente, que annunciasse a Bianca o que se havia passado e lhe fizesse ver a impossibilidade da união de ambos. Nick não teve outro remedio sinão prometter-lhe que sim. E Ellen offereceu-lhe os labios para um doce e longo beijo...

—--—

Como Ellen estava nervosa!... Oh! Ella deveria ter previsto que Nick não teria coragem de fazer semelhante revelação á sua nova esposa. Foi, effectivamente, o que aconteceu. Nick, temeroso do apuro em que se via mettido, embarcou com Bianca para Los Angeles, deixando Ellen furiosa.

Decididamente — pensava Ellen — Nick a havia enganado! Mas porque teria elle affirmado que ainda a amava? Porque havia dito que a queria mais que nunca? E, depois de tudo isso, fugira com Bianca! A conclusão parecia muito logica para Ellen Arden: Nick amava a nova esposa. Sim. Era isso. E ella era tão tola que nem siquer havia percebido isso! Mas elles podiam ficar descançados, que ella não mais os aborreceria, atravessando-se em seu caminho...

Voltou tambem para Los Angeles. Installou-se em um hotel e tratou de se divorciar. Visitando pela ultima vez o seu lar, declarou isso mesmo á mãe de Nick. A sensata senhora, que bem sabia do amor do filho pela esposa, tratou de dissuadil-a disso. Em vão. Ellen estava obstinada. Por fim a Senhora Arden apresentou-lhe um plano: Ellen ficaria alli mesmo, naquella casa, como uma velha amiga da familia. Poderia trocar o nome pelo de Ellen Calhoun. Ora, Bianca não a conhecia e de nada desconfiaria. Jamais havia visto Ellen, nem mesmo em photographias. Assim Ellen poderia estar junto dos filhos e vigiar, ao mesmo tempo, Bianca. Com o desenrolar dos acontecimentos era provavel que acabasse reconquistando o marido. Era o que se chama "matar dois coelhos com uma só cajadada"...

É facil se imaginar a estupefacção de Nick quando voltou para casa em companhia de Bianca e lá encontrou Ellen, muito socegadamente installada. Surpreza ainda maior o aguardava quando viu a sua mãe apresentar Ellen como uma velha amiga, que alli estava em visita, por umas semanas! Qual!... Aquillo não podia acabar bem...

Aconteceu que encontrando, em determinado momento, a sós com Nick, Ellen arranca delle novamente a promessa de contar tudo a Bianca. No momento em que estão nesse colloquio, batem á porta do aposento. Nick corre a attender. Era um funccionario da Companhia de Seguros, que vinha averiguar os rumores que andava circulando de que Ellen Arden e Stephen Burkett não haviam morrido. Ellen, do seu aposento, poz-se a escutar a conversa toda. Naturalmente, questionava o funccionario, si os suppostos-desapparecidos alli estavam, naquella cidade, a Companhia de Seguros tinha direito á devolução do seguro de vida que já havia pago.

Nick fez o possivel para se descartar da importuna visita, despachando-o com evasivas e desculpas. Mas quando voltou para junto de Ellen estava rubro de colera. Então sua esposa havia passado sete annos em companhia de um homem em uma ilha deserta, hein? E ella havia lhe occultado esse "insignificante pormenor"!? Oh! Era, naturalmente, porque nada de mais havia acontecido, não?

O rapaz estava furiosamente enciumado e não havia palavras no mundo que pudessem convencel-o da innocencia da esposa! A troca de palavras entre ambos foi se tornando cada vez mais aspera, num crescendo assustador. Por fim, para evitar consequencias ainda mais desagradaveis, Nick abandonou o aposento...

Ellen ficou pensativa. As cousas estavam muito peior que antes. Ella acreditava haver perdido a partida. De facto era impossivel convencer o marido que,

durante sete annos numa ilha deserta, nada tinha acontecido entre ella e Stephen Burkett! Agora ella não mais poderia continuar, como uma intrusa, naquella casa, hostilisada por Bianca. Devia ir-se com os seus filhos, Tim e Chinch...

Estava desesperada, mergulhada nas mais amargas reflexões, quando lhe annunciaram a visita do seu costureiro. Um plano lhe passou pelo cerebro e ella immediatamente o poz em execução. O costureiro era um homenzinho grotesco, risivel. Ellen combinou apresental-o a Nick como si fosse Stephen Burkett. Que marido no mundo acreditaria que a esposa lhe atraiçoara com um homenzinho daquelles? Podia se passar não sete, mas setenta annos na ilha mais deserta do mundo, que com aquella figurinha ridicula — Não!

Certamente o plano de Ellen surtiria effeito si Nick não conhecesse já o elegante e sympathico explorador. Sim, porque logo que deixou Ellen, o rapaz, açoitado pelo ciume, quiz conhecer o homem que elle suppunha haver roubado o coração de sua esposa. Procurou de hotel em hotel e acabou por encontral-o no "Beach Club". Falaram-se. Stephen Burkett, com a maior calma do mundo, lhe declarou que amava Ellen e estava disposto a casar-se com ella. Nick ficou ainda mais acabrunhado com isso. Concertou com Stephen que almoçariam juntos no dia seguinte, com Ellen tambem. Então a moça decidiria a questão.

No dia seguinte. Ellen, ignorando o encontro do marido com o rival, ficou surprehendida ao ver que Stephen Burkett tambem ia almoçar com elles!

Mal haviam os tres tomado assento em redor da meza, Nick e Stephen iniciam uma odiosa discussão sobre os direitos que cada qual julgava ter sobre o coração de Ellen. Os dois portavam-se como si a moça não existisse, conservando-a fóra da conversa, procurando cada um arrazoar melhor os seus pontos de vista. Indignada com o rumo que as cousas estavam tomando, Ellen levanta-se e, sem attender os apellos que lhe faziam os dois para que ficasse, retira-se para a piscina ao lado. Quando se julgava livre dos seus inconvenientes adoradores, eis que elles surgem ao seu lado! Em vão a moça usa varios estratagemas para ver-se livre delles. Qual nada! Acabam por leval-a para o aposento de Stephen Burkett, onde procuram harmonisar a situação. Mas Ellen já estava farta de tudo aquillo. Responde-lhes violentamente que jamais quereria saber de nenhum dos dois. Sahe arrebatadamente, a caminho de "sua" casa, isto é, da casa de Nick.

Quando chegou, a moça tinha o espirito em tal estado de perturbação que nem siquer notou que uma fileira de carros estava parada á porta da casa. Entrou. O quadro que se lhe deparou, deixou-a estupefacta! Bianca estava cercada de uma porção de homens, que, lapis e blocos de papel em punho, annotavam o que ella lhes dizia.

Ellen percebeu logo que eram jornalistas. Algo de anormal estava se passando. Occultando-se, Ellen poz-se a escuta. Assim foi que ficou sabendo que a Companhia de Seguros estava processando Nick pelo recebimento illegal da apolice de seu proprio seguro de vida, e que os jornalistas, avidos de escandalo, alli estavam para devassar o caso, bem assim como a supposta aventura de Ellen com Stephen Burkett, durante os sete annos que haviam passado na ilha deserta!

Continuando a escutar, o seu pasmo at-

tingiu ao auge! Bianca estava se fazendo passar por... Ellen! Prestava declarações em seu nome, dizendo que amava Stephen e que estava apenas á espera do divorcio para se casar com elle.

Ellen sentiu que o sangue lhe subia á cabeça e uma furia selvagem invadia o seu espirito... Como um furacão, penetrou no aposentou, desmascarando a embusteira. Ella era Ellen e Bianca não passava de um miseravel impostora, que lhe havia roubado o lar e o marido, uma infame e ambiciosa mulher, que não via em Nick mais que uma maneira de fazer dinheiro...

Bianca, livida de raiva ao se ver desmascarada, retirou-se. Não sem antes prevenir a Ellen que ella ainda teria noticias suas. E por intermedio de um advogado...!

Na manhã seguinte aquelle escandalo era o assumpto principal de todos os jornaes. Manchettes e mais manchettes. Commentarios ironicos... Ellen poude ver então quão embaraçosa era a situação de Nick.

Mas que lhe importava isso? Elle que se arrumasse. Ella sentia-se ainda muito magoada para sentir sympathia pela causa de seu marido. De resto, necessitava um pouco de repouso, que alli não podia ter... Talvez fosse melhor sahir da cidade... Passar uns tempos em Lake Arrowhead, com Tim e Chinch. Pensou, pensou... Sim. Era o melhor que tinha a fazer. Precisava, porém, communicar esses projectos a Nick, visto que não tinha permissão de levar as crianças.

Estava nessas conjecturas quando a campainha do telephone soou. Era Stephen Burkett, que communicava que partia no dia seguinte em outra expedição e convidava-a a fazer parte da mesma. Gentil, mas firmemente ella recusou, declarando-lhe que os seus dias de exploradora já haviam passado e para sempre.

Nick resolveu conduzir Ellen e as crianças para Lake Arrowhead. Durante todo o trajecto não pronunciaram uma palavra siquer, fechados dentro do mais absoluto mutismo. Mas... de vez em quando Ellen percebia os olhares daquelle que afinal de contas era ainda seu marido, pousando sobre ella. E — não fosse ella mulher! — comprehendia que havia ainda muita e muita paixão naquelle olhar. Sabia que bastava uma palavra sua para que Nick se lançasse aos seus pés. Não! Mas elle precisava de uma licção. E Ellen manteve-se imperturbavel até o fim da viagem. Não o animou de forma alguma. Nem mesmo quando o rapaz lhe annunciou, já em Lake Arrowhead, que o seu casamento com Bianca fôra annullado!

Finalmente Nick viu que não tinha outro remedio sinão partir. Em sua physionomia espelhava-se a mais completa desesperança.

Então Ellen percebeu que, daquella forma, ella estava castigando a si mesma... Aquillo não podia continuar. Voltou para o marido, com um sorriso claro nos labios.

Foi o sufficiente! Nick tomou-a arrebatadamente nos braços. Beijou-a com loucura. E num murmurio:

— Tolinha! Você já devia saber que era a minha esposa favorita!

Quem de nós já não teve um dia em que a nossa faculdade interna não nos impeliu irrisistivelmente a philosophar sobre um thema qualquer?

E qual o thema mais discutido, entre nós, em todas as partes; o qual sempre empolgou os mais ardentes apologistas desse desejo: ser feliz — felicidade!

Os philosophos e scientistas estão promptos a nos responder, informando-nos sobre o significado da vida; mostrando-nos o escopo, o valor, ora apoiadas sobre dogmas de uma religião ora, sobre bases scientificas de uma qualquer theoria de vida. Mais audazes ainda, são os metaphysicos que, levantando o véo do além, narranos os mais phantaziosos sonhos da immortalidade da alma.

Não queremos tambem nos aprofundar em argumentos que não estão em nossa alçada. Porém, um facto é exato. A vida nos impelle a um só escopo. Devemos viver! E é uma arte saber viver e tirar da vida aquella somma de felicidade que, perdidamente, aspiram os idealistas religiosos ou o poéta que ve nella, ante o amor, uma luz superior e inestinguivel.

Entretanto, quem até agora ousou intitular-se mestre nessa arte de bem viver?

São felizes e vivem os que possuem bens e riquezas materiaes? Effectivamente essas prendas enfeitam a vida e a realça, porém, no amago encontraremos sempre a infelicidade.

Dizia, o abbade Gaime, em palestra com João Jacques Rousseau, ainda adolescente: — "Se cada um de nós pudessemos lêr no intimo do coração humano, seriam mais numerosos os que querem descer do que aquelles que querem subir materialmente".

Portanto, chegamos a uma conclusão insofismavel. A felicidade não é a conquista das cousas materiaes; ella existe em nós, profundamente em nosso intimo e revela-se nas completas aspirações e satisfacções dos nossos ideaes mais amplos; isto é, no cultivo á Verdade, do Bello e das cousas Bôas.

Concluindo, a felicidade consiste no desenvolvimento da nossa personalidade. E o desenvolvimento da nossa personalidade moral não é possivel sem a educação de si mesmo.

Dragão

---

1 — MARTINS — (Capital).

Jovem ainda e, por conseguinte, inexperiente das modificações que o caracter defronta nas lides diarias; talvez ainda não tenha pensado que poderemos desenvolver o caracter, assim como desenvolvemos o physico. A sua lettra é hesitante. Leva-nos a crêr que vive numa vida rotineira, cuja ambição é orgulhar-se de si mesmo, sem, todavia, justificar-se. Essa ambição muito o auxiliaria, si deixasse de lado esse espirito commodista e iniciasse uma campanha de bôa vontade contra: a preguiça e a desordem espiritual. Emprehendendo iniciativas novas proprias da sua edade. Porém, isso não se obtem da noite para o dia!

2 — CACÃO — (Rio de Janeiro).

Temos a impressão que você gosa bôa saude. E' alegre, communicativo e affavel para com todos. Pertence ao numero daquelles que possuem o dom de impressionar á primeira vista. Idéas claras e imaginativas; sem contudo crear. Temperamento bom e leal. Amante do conforto e do bello e sabe tirar proveito das opportunidades.

3 — MARIA ROSA — (Capital).

Excessivamente circumspecta. Desconfia de tudo e de todos. Não admitte complicações sentimentaes. Todas as questões de ordem sentimental você afasta por desconfiança e tambem devido ao genio pouco communicativo. Teimosa e não se afasta do ponto de vista inicial. E' intelligente, possuindo gostos elevados.

DRAGÃO.

PARA SE OBTER UM EXAME DE GRAPHOLOGIA

1.° — Escrever ao menos 15 linhas em papel sem pauta, cujo assumpto poderá ser composição ou carta.
2.° — Enviar nome, sobrenome e idade E um pseudonymo para resposta.
3.° — Endereçar para Cine Revista — Rua da Consolação, 304 — 2.° — Secção de Graphologia.

Recebemos varias consultas, que, devido a premencia de tempo, serão respondidas no proximo numero de Outubro.

NO PROXIMO NUMERO DE "CINE REVISTA" **SAFARI** *Uma novella completa, do film da Paramount estrellado por* **Doug. Fairbanks, Jr. — Madeleine Carroll**

PHOTO 20th CENTURY-FOX

LINDA DARNELL

é a estrella de "Brigham Young" film em que ella está novamente reunida ao varonil Tyronne Power.

JANE BRYAN

foi elevada ao "stardom" depois de sua extraordinaria "performance" ao lado de Muni, em "We Are Not Alone".

PHOTO WARNER BROS.

COMO SE VESTEM AS ESTRELLAS

★

ANN SHERIDAN
da Warner Bros.

A MODA EM HOLLYWOOD

★

BETTY FIELDS
da Paramount

LANA TURNER
da Metro

FLORENCE RICE
da 20th-Fox

Sereias
PATRICIA MORISON
da Paramount

MARY PARKER
da Paramount

ANN SHERIDAN
da Warner Bros.

ANN RUTHFORD
da M.G.M.

MARTHA RAYE
da Paramount

JAMES CAGNEY

é o principal interprete de "Regimento Heroico", um film da Warner Bros. em que tambem intervem Pat O'Brien, Jeffrey Lynn e George Brent.

VIVIEN LEIGH

a maior revelação de 1940, tem um triumpho definitivo em "Nos Bastidores de Londres", ao lado do grande Charles Laughton. É um film da Paramount.

Em "Zona Torrida", com James Cagney e Pat O'Brien.

Em "It All Came True"

ANN

ella apparece assim em "Zona Torrida"

Com Jeffrey Lynnem "It All Came True"

SHERIDAN

A "OOMPH-GIRL"!

Texto á pagina 32

Todas as photos destas paginas são cortezia da Warner Bros.

Num momento de descanço, em sua casa em Hollywood.

Lillian Russell foi, durante muitos annos, considerada a mais bella mulher que já pisou nos palcos americanos. Nasceu em Clinton, Estado de Ohio, no dia 4 de Dezembro de 1861. Seu verdadeiro nome era Helen Leonard e foi educada no Collegio do Sagrado Coração de Jesus, de Chicago. Appareceu em Nova York em 1879.

★

Naquella tarde cinzenta, atravessando parque de volta ao lar, Helen Leonard sentia-se a criatura mais infeliz do mundo. Recostada nas almofadas da carruagem, encerrada no mais absoluto mutismo, nem siquer parecia perceber o que dizia sua avó, que a acompanhava.

Algumas horas antes — e ella agora não podia siquer relembrar isso — seus olhos adoraveis brilhavam de alegria, de contentamento. Ia realizar um dos maiores sonhos de sua vida: o grande Leopold Damrosch, celebre musicista e professor famoso, que havia educado as vozes mais gloriosas que os theatros novayorkinos já conheceram, o grande Leopold Damrosch havia lhe concedido uma entrevista! Isso era seu mais alto sonho: receber licções do grande mestre!

O esperado momento havia vindo... e já havia tambem passado. O mestre a recebera carinhosamente e a deixara partir cheia de amargas desillusões! Na opinião delle, Helen jamais poderia ser uma cantora de opera! Oh! Elle havia sido gentil... Havia dito isso com doçura, com gentileza, sem magoal-a. De resto acreditava que ella tivesse uma voz perfeita para a opereta. Poderia fazer sucesso na comedia musical, pois tinha a favorecel-a, alem de tudo, uma plastica maravilhosa e um rosto lindo. Temia apenas, ajuntou o grande maestro, que o exito no palco lhe trouxesse infelicidade. Porque a infelicidade — continuou com sua harmoniosa e persuasiva voz — era o preço que as mulheres pagam pela belleza e pelo sucesso...

Absorta em seus proprios pensamentos, Helen não percebeu que o cocheiro fazia esforços enormes para conter os cavallos, que haviam tomado o freio nos dentes e arrastavam o carro em correria louca, pelas ruas afóra. Um grito de angustia a chamou a si. Era sua avó, que, apavorada, pedia socorro!

O socorro veiu, providencial e imprevisto. Um jovem atirou-se sobre um dos cavallos em disparada e, montando-o, conseguiu dominar os outros. Quando o carro parou e a avó desceu para agradecer ao desconhecido o auxilio prestado, Helen continuava sentada dentro do carro e olhava para o seu salvador. Por um momento os seus olhos se encontraram com os do homem a quem devia a vida. Foi apenas um breve momento. Mas ambos sentiram que algo extranho, como uma faisca electrica, havia naquelle olhar. Helen Leonard sentiu-se confusa deante da attracção magnetica daquelle homem que jamais havia visto. Baixou os olhos e limitou-se a murmurar umas palavras banaes de cortezia.

Quando a moça e sua avó chegaram ao lar, encontraram um ambiente de excitação e movimento. Cynthia Leonard, a mãe de Helen, era uma ardente suffragista e defendia apaixonadamente os direitos de egualdade para a mulher. Por isso mesmo, em seu apostolado, havia se candidatado ao cargo de prefeito, cujas eleições realizavam-se nesse dia. Cynthia bem sabia que jamais seria eleita... Mas assim mesmo lançara sua candidatura, em nome de todas as mulheres americanas, como um meio de propaganda de suas idéias. Naquella época, isso era um gesto de profunda coragem, de valentia inaudita. Mais que a derrota, que era certa, ella estava se expondo ao ridiculo de

A bella
LILLIAN RUSSELL

★

Uma historia do film da 20th Century-Fox "LILLIAN RUSSELL" - Dirigido por Irving Cumminns.

PERSONAGENS

Lillian Russell	ALICE FAYE
Alex Moore	HENRY FONDA
Edward Solomon	DON AMECHE
Diamond Jim Brady	EDWARD ARNOLD
Edna McCauley	LYNN BARI
Jesse Lewisohn	WARREN WILLIAM
Charlie Leonard	ERNEST TRUEX
Tony Pastor	LEO CARRILLO
Cynthia Leonard	DOROTHY PETERSON
Gilbert	NIGEL BRUCE
Sullivan	MILES MANDER
Weber	WEBER
Fields	FIELDS
Eddie Foy	EDDIE FOY JR.

toda a cidade...

Nessa noite, depois de conhecido o resultado das eleições, na qual Cynthia Leonard fora derrotada por uma maioria esmagadora, opressiva, uma turba de escarnecedores, semi-bebados, juntou-se na rua, em frente ao portão de sua casa. Havia no ar um borborinho ensurdecedor. A multidão vingava-se de sua audacia, atirando-lhe chufas e doestos. Cynthia e Charlie, o seu marido, appareceram em uma das janellas, para protestar. Uma onda de imprecações e gritos abafou suas palavras...

Então Helen saiu e appareceu sozinha no portico do hall! Quasi que instantaneamente fez-se um grande, um respeitoso silencio. A turba, magnetizada pela belleza pura daquelle rosto commovido, illuminado pela luz branca dos lampeões de gaz das ruas, retirou-se silenciosamente. Poucos minutos após a rua estava deserta... Todos já se haviam ido... Todos... Menos um jovem robusto e sympathico, que caminhou em direcção á moça.

Foi assim que Helen viu-se pela segunda vez naquelle dia em presença do seu salvador, do homem que havia feito parar os cavallos enfurecidos que puxavam a sua carruagem. O rapaz apresentou-se. Era Alexander Moore. A principio falaram-se timidamente, com o coração pulsando forte. Depois foram se tornando quasi intimos e alli se deixaram ficar longo tempo, trocando confidencias.

Ella contou seus sonhos de gloria e as suas esperanças agora quasi desfeitas. Elle lhe disse de suas ambições, do seu desejo de se tornar um jornalista saliente. Quando se despediram, haviam combinado que aquelle não seria o seu ultimo encontro. Sahiriam juntos no dia seguinte. Alexander convidou-a mesmo para um jantar.

Mas Helen não cumpriu sua promessa. Alex era gentil e delicado; havia produzido nella uma impressão violenta, que ella não sabia bem si era amor. Talvez o fosse. Em todo o caso Helen era demasiado ambiciosa para sacrificar seus sonhos de gloria. Acreditava mesmo que devia esquecel-o. E esquecer tambem a profunda emoção que o seu olhar despertara em seu coração...

No dia seguinte Helen Leonard firmava um contracto com Tony Pastor, conhecido empresario theatral novayorkino. Experto e intelligente, a primeira providencia que Pastor tomou foi mudar o nome de sua nova estrella. Helen Leonard era um nome que, francamente, não seduziria nunca as multidões. Ella precisava de um nome facil, bonito e sonoro. Lillian Russell, por exemplo. E assim, descuidosamente, sem prever o futuro, aquelle homem creou um nome que devia brilhar, faiscar atravez do mundo durante as decadas vindouras.

Na manhã que se seguiu a noite de sua estréia, Lillian Russell tinha Nova York aos seus pés. Dalli em diante passou a viver num mundo alegre, divertido, adulada e cortejada por uma legião de admiradores ricos e poderosos. O seu encontro com Alexander Moore foi promptamente relegado para plano das coisas mal-lembradas e, naquella mesma manhã o rapaz, que havia assistido na vespera, misturado na turba anonyma, a estréia da gloriosa Lillian Russell, embarcou para Pittsburgh. Ia trabalhar em um jornal e esquecer a sua doce aventura.

Lillian Russell tinha dezoito annos de idade e podia se dizer que toda a cidade, como uma joia faiscante, estava nas palmas de suas brancas e delicadas mãos.

Flores e mais flores enchiam, noite após noite, o seu camarim. Era em verdade uma rainha, por direito de belleza. E jamais Nova York se mostrou mais encantada que pela gloria de semelhante reinado. Os convites para festas e jantares choviam no camarim da estrella.

Havia um homem cujas flores eram

mais raras e mais exoticas que as dos outros e cujos jantares eram verdadeiros poemas epicureanos... Um homem de espantosa vitalidade, cuja legenda havia rapidamente se tornado tão grande quanto a de Lillian Russell. Chamava-se Diamond Jim Brady. E toda a cidade sabia que Diamond Jim, pela primeira vez em sua vida, estava apaixonado! Sabia tambem que elle tinha um sério rival no elegante e poderoso Jesse Lewisohn, seu mais perigoso "inimigo" no cerco ao coração da bella Lillian Russell! Mas Nova York não sabia que um jovem desconhecido já se havia apoderado do amor de sua estrella favorita. Era Edward Salomon, pobre artista sem eira nem beira, que até aquelle momento jamais havia prestado a menor attenção a qualquer cousa que não fosse a musica.

Edward jamais ousára sonhar e fazer a corte a Lillian. Fora um accidente que o pusera em contacto com a mais festejada estrella que a America já conheceu. Na noite de estréia da opereta "A Gran Duqueza" a direcção do theatro fez transmittir para Washington, pelo telephone, numa audição especial para o Presidente Cleveland, a voz de Lillian Russell e Edward Salomon foi chamado para fazer os acompanhamentos ao piano.

Algumas noites mais tarde, quando Diamond Jim Brady chegou á porta do theatro, teve apenas tempo de ver muito ligeiramente o musico pobretão e sua radiante noiva, Lillian, tomarem outra carruagem, que estava a espera delles!

No dia seguinte os noivos partiram para Londres. Lillian Russell ia estrellar a famosa "Princeza Ida" de Gilbert & Sullavan e Edward Salomon empregaria o seu tempo em escrever uma opereta para a sua adorada noiva, ou melhor, para sua esposa, pois que se casaram logo após o desembarque.

Havia pouco tempo que estavam em Londres quando o Destino trouxe ao espirito de Lillian Russell as palavras de Leopold Damsroch. A infelicidade seria o preço do seu triumpho. O caso foi que, devido a uma discussão sobre a partitura de "Princeza Ida", o irascivel Gilbert despediu Salomon, com o que não se conformou a estrella. E marchou-se, tambem, com o seu marido.

Edward Salomon adoeceu. Estava pallido, vacillante. De resto Lillian esperava um bebé para muito breve. E o nevoento inverno londrino foi transcorrendo assim, gastando o casal suas economias. Edward, apezar de tudo, procurava febrilmente terminar sua opereta, que seria representada quando chegasse a primavéra.

Quando a primavéra chegou, o bebé de Lillian nasceu. A alegria proporcionada por esse acontecimento foi promptamente encoberta pela falta de dinheiro e pela doença de Edward, que se aggravava dia a dia e a situação de ambos era cada vez mais precaria.

Um dia, com surpreza immensa, Lillian viu-se novamente frente a frente com aquelle rapaz que havia salvo sua vida, detendo a carruagem no Central Park. Sim, alli estava Alexander Moore! Foi logo explicando a Lillian o que o levava alli. Justamente no dia da partida da estrella de Nova York para Londres, elle havia chegado de Pittsburgh para entrevistal-a para o seu jornal. Voltara desanimado. Depois havia corrido na America um rumor sobre o incidente de Lillian com Gilbert e sua consequente desapparição dos palcos londrinos. Agora o seu jornal o enviava a Londres com a missão de procurar a bella Lillian Russell e offerecer-lhe uma larga somma pela historia de sua vida.

Conversaram algum tempo. Alexander falou sobre a propria vida. Havia vencido, como sonhára. Mas talvez aquillo não fosse a felicidade que esperava. Emfim...

Lillian pensava. O seu bebé tinha apenas seis semanas. A situação de Edward, cada vez mais doente, era desalentadora. O rapaz não conseguia terminar a opereta, apezar de todos os seus esforços. De resto, estava necessitando de cuidados medicos. Aquella offerta de Alexander era verdadeiramente providencial. E acceitou. No momento exacto em que acabava de assignar o contracto, ouviu-se no

quarto ao lado, onde Edward trabalhava, um barulho extranho, como o de um corpo cahindo sobre o piano. Correram para lá. Edward Salomon alli estava inerte, sobre o instrumento que elle tanto amára. Não mais poderia terminar a sua opereta. A Morte o havia levado...

A felicidade havia fugido da vida de Lillian Russell. Mas por um momento, o Destino, ironicamente talvez, tornou a sorrir para a grande estrella. Rogaram-lhe para que acceitasse o principal papel de uma nova opereta de Gilbert & Sullavan e ella acceitou.

Na manhã seguinte á noite da estréia, como a annos atraz em Nova York, Londres estava inteiramente nas mãos delicadas e brancas de Lillian Russell. Foi um triumpho absoluto!

Depois outras peças succederam-se, num rosario de glorias. Para interpretar o "role" principal de uma opereta dos celebres autores Weber e Fields, pagaram-lhe o mais alto preço que Londres jamais conheceu! Lillian era agradecida, mas fazia se pagar caro. Era a segurança do futuro de sua filha...

Sentia-se mais gloriosa que nunca. Vivia cercada de admiradores sem conta. E jamais se encontrou tão isolada em sua vida! Ao seu ouvido soavam as palavras de Leopold Damsroch. Havia preço para tudo na vida. A infelicidade era o preço que ella pagava pela belleza e pela gloria!...

Diamond Jim chegou de sua cidade natal e recomeçou a sua corte com mais assiduidade e mais ardentemente que nunca. Fazia agora acompanhar as suas flores raras e exoticas de bonecas e presentes para Dorothy, a filha de Lillian. Sempre senhor de uma poderosa vitalidade, offerecia a Lillian Russell jantares fabulosos e festas esplendidas, que faziam o pasmo e a admiração de toda a Londres! Mas Diamond Jim Brady tambem não se sentia feliz; comprehendia que tudo que um homem rico pode ver e tocar elle podia comprar. Certamente a fortuna nada lhe recusára. Mas não podia comprar o coração de uma mulher...

Quando foi da estréia, no "Weber e Fields Music Hall" da celebre opereta "Fiddle Dee Dee", havia no theatro um rosario de nomes gloriosos: Weber e Fields, elles proprios, Eddie Foy, Lillian Russell... O sucesso de Nova York foi duplicado em Londres!

Sentado no auditorio, em meio da audiencia enthusiasmada, estava um homem sereno, impassivel. Era Alexander Moore, que havia vindo de Nova York para assistir a estréia de "Fiddle Dee Dee"... e por outro motivo tambem! Quando a cortina cahiu sobre a ultima scena do espectaculo, Alex sahiu e passeiou um pouco, refletindo, solitario dentro da noite solitaria.

Agora, pensava, não mais havia razão para ser timido. Era tambem rico, havia conquistado uma posição social invejavel.

Encaminhou para o theatro, para o camarim de Lillian Russell. Na ante-camara cruzou com um homem, que maldizia sorridentemente a propria má sorte. Era Diamond Jim Brady, que se retirava.

Alexander Moore penetrou no camarim da estrella e alli permaneceu longo tempo parado, em pé, fitando-a longamente bem nos olhos. Havia em seu olhar uma expressão extranha, a mesma expressão daquella tarde longinqua no Central Park. Lillian sentiu aquelle olhar, que ella tão bem se lembrava, penetrar profundamente em seu coração. Sentiu a mesma perturbação de outr'ora, os mesmos sentimentos, que ella julgava adormecidos, aflorarem novamente em sua alma. Levantou-se, caminhou para o rapaz, que a tomou nos braços.

Lillian Russell sentiu passar ainda uma vez em seu espirito as palavras de Leopold Damsroch... Certamente — pensou — ella já estava livre daquella prophecia. Havia pago um preço demasiado caro pela gloria que até então desfrutára. Daquelle dia em diante podia dedicar todas as horas de sua vida á alegria de viver e de amar aquelle homem que a apertava nos braços. E foi com os olhos radiantes de alegria que entregou o seu coração a flor dos labios a Alexander Moore...

Você já sabe que Priscilla está divorciada? O "monstrengo" com quem ella está dansando é Perc Westmore... perito em belleza femininia.

Brenda Marshall é a nova grande descóberta da Warner. Está acompanhada por William Holden, que pretende acompanhal-a até... altar! É o que dizem os linguarudos.

Tres pequenas do barulho!... no Café La Maze. São ellas Lana Turne, Joan Crawford e Ann Ruthford.

ATRAZ DA TÉLA

Quinze annos de differença na idade não impede que Brian Aherne e Joan Foutaine seja o casal mais feliz da Cinelandia.

Quando Gail Patrick chega ao Brown Derby o gerente a recebe com a maior intimidade. Puderá! Elle, Bob Cobb, é seu marido!

Jack Oakie e Venita andaram brigados; queriam o divorcio. Mas as nuvens passaram e eil-os gozando a vida no Café La Maze.

Kay Francis é uma das mulheres mais elegantes do cinema. Não é atoa que ella é tão amiga de Bernard Newmann, o famoso figurinista.

E romance continua... Norma Shearer e George Raft dansan, enlevados, ao som da orchestra do Ciro. Quando sahirá o casamento?

Sonja Henie casou-se. Eil-a ahi ao lado do seu marido, Dan Topping. E' possivel pue não seja muito muito bonito... mas é millionario!

Esta é uma das ultimas photographias de Doug. Fairbanks e foi feita no Chinese Theatre. A dama é Lady Sylvia, sua esposa.

Joan Bondell e Dick Powell divertem-se num "night-club" de Hollywood E' o casal perfeito da terra do cinema... ha muitos annos!

ANN SHERIDAN

a "oomph-girl".

Ha cerca de sete annos atraz, havia no Texas State Teachers College, em Dallas, uma alumna do "segundo-anno" chamada Clara Lou Sheridan, filha de um mechanico que trabalhava em uma garage daquella cidade. O mechanico, que descendia do General Phil Sheridan, tinha cinco filhos e, por isso mesmo, é possivel que não vivesse em grande abastança. Em todo o caso conseguia manter duas filhas, Clara Lou e Kitty, no collegio.

De Clara Lou não se tem noticias sobre a applicação e aproveitamento nos estudos. Mas deixou fama no collegio... como cantora de "blues"! Cantava admiravelmente e obtinha estrondoso sucesso no theatrinho de amadores dos alumnos, onde era acompanhada por um "jazz" de collegas...

Certo dia uns rapazes de Hollywood appareceram em Dallas. Eram "talent-scouts" da Paramount, que andavam empenhados num concurso denominado "Em Busca de Belleza". Kitty Sheridan, que adorava Clara Lou, submetteu uma photo da irmã a apreciação dos rapazes, inscrevendo-a no tal concurso. Foi assim que Clara Lou tornou-se Ann Sheridan, "starlet" da Paramount...

Ann Sheridan fez sua estréia no cinema no film "Car 99", fita de pequeno calibre, onde ella teve um papel insignificante. Tão insignificante que ninguem a notou. Então Ann, vendo que aquillo não tinha futuro, pediu e obteve um "test" na Warner Bros. O "test" ficou archivado, sem solução. Conseguiu então a garota apparecer em um "bit" no film "Letter of Introduction", produzido pela Universal. Apesar do seu papel ser pequenino, Ann Sheridan produziu tal effeito, que a Warner Bros immediatamente a mandou chamar. Fel-a cercar de um exercito de especialistas em "make-up" e a nova estrellinha foi photographada em todas as poses imaginaveis. O departamento de publicidade da empreza fez o seu retrato correr a America, impresso nas paginas dos grandes magazines cinematographicos! Coroando isso, no dia 16 de Março de 1939, um jury composto de trinta e cinco celebridades da téla, do radio e da sociedade americana, reuniu-se em Hollywood para eleger a "Oomph Girl" da America. Você já sabe o que quer dizer "oomph", não é verdade? E' mais ou menos, uma reunião ou mistura de "glamour", "sex-appeal", etc. Aqui no Brasil, nós diriamos que a garota "oomph" é aquella... que abusou do direito de ser "boa"! Mas voltemos ao famoso jury. Entre as candidatas ao ambicionado titulo contava-se os nomes de Hedy Lamarr, Dorothy Lamour, Alice Faye e Lana Turner, entre muitos outros. E o jury decidiu conferir o primeiro logar a Ann Sheridan!

De então para cá o sucesso da pequena de Dallas foi absoluto. Despertou todas as attenções, como nenhuma outra actriz até então. Fez inveja ás outras "estrellas", que é o melhor symptoma do sucesso. E foi elevada, do dia para a noite, ao "stardom"!...

Ann Sheridan tem actualmente vinte e seis annos de idade, pois nasceu no dia 21 de Fevereiro de 1915 na cidade de Dallas, no Texas. Casou-se em 1936 com Septimus Edward Norris, de quem se divorciou em Outubro de 1938. De então para cá, não mais quiz saber de casamento. Tem sido cortejada e assediada (pudéra!) pelos rapazes mais sympathicos da Cinelandia, sendo que o seu actual "perseguidor" é George Brent. Mas Ann passeia, namora, dansa... e não quer saber de mais nada! Sua vida pertence á Warner Bros.

Nessa productora Ann Sheridan já nos deu uma série de films que poderiamos chamar "experimentaes". Mas agora a companhia a destina a mais "altos vôos", cujo cyclo vae ser iniciado com "Zona Torrida", em que a veremos ao lado de James Cagney e Pat O'Brien e "It All Came True", em que tem por companheiro Jeffrey Lynn. Este ultimo film, baseado em uma historia de Louis Bromfield, autor de "E as Chuvas Chegaram" obteve extraordinario exito em toda a America.

DESTINO ★ (Conclusão)

Subito viu um homem alto emergir do portão do "subway": era o Dr. George Sebastien!

Quiz gritar, chamal-o — mas não poude. A voz morreu-lhe na garganta. Sebastien correu para um taxi e desappareceu. Justamente nesse momento uma ambulancia chegou e os enfermeiros desceram em demanda da estação. Pouco depois Linda ouviu, com os nervos retesados pelo espanto e pelo terror, dois homens que conversavam:

— Foi um criminoso evadido de Vienna que assassinou o seu parceiro, um tal Gretz. E um velho medico foi esmagado pelo trem. Parece que atiraram o pobre homem á linha!

O Dr. George Sebastien estava rigido, em pé, olhando a cidade, do terraço invadido pelas trevas da noite. Voltou-se quando sentiu que alguem havia chegado. Era Linda! O medico encaminhou-se para ella, como um automato. A moça estava livida!

— Quiz chamal-o... sei de tudo... eu estava esperando o Dr. Downer á porta do "subway"...

Elle não demonstrou a menor surpreza. Havia um fogo extranho nos seus olhos, uma serenidade satanica o envolvia todo! Parecia um homem que estava penetrando nas trevas de uma noite sem fim, abandonando a vida e entrando, calmo e demoniaco, nos dominios da morte!

— Eu os matei!

Não havia emoção em sua voz. Sereno e firme, continuou:

— Havia sonhado outra cousa. Meu amor era sincero! Elles deixaram que sonhasse um sonho de ouro e rosa... por algumas horas sómente! Depois o sol se extinguiu para mim... e eu fil-os voltar para o negro logar de onde vieram!...

— Meu Deus! E' um louco! E' um louco!

Effectivamente as garras da loucura haviam se apoderado do cerebro do Dr. George Sebastien! Misericordiosamente, o esquecimento e a inconsciencia espalharam suas sombras sobre elle!

Linda viu sua silhueta alta desapparecer no lusco-fusco que invadira o terraço. Alli ficou muito tempo, apavorada e immovel, até que Gil Sawyer appareceu, providencial.

— Oh! Gil! Elle era um monstro cruel!

— Querida! Felizmente pudemos salval-a! Graças a Deus você está salva! Não tenha medo. Sebastien já foi preso lá embaixo.

— Oh! Gil, você tinha razão. Eu estava enganada. Não me deixe mais só Fique perto de mim.

Abraçou o rapaz, com o rosto banhado de lagrimas.

— Não me abandones nunca! Faça-me sorrir... viver... amar...

A roda do Destino continuou o seu gyro eterno, mergulhando uns em sombras, exaltando outros em plena luz...

EPISODIO (Conclusão)

apresentada á sociedade. Vinha cumprimentar os musicos.

— Oh! fez ella contente. Jamais vi uma orchestra tão encantadora! Como são moços!... Permittam que eu propria me apresente. Sou Mrs. Julius Malette.

Uma angustia perpassou pelos lindos olhos de Amelia, que se voltaram para a porta da sahida, como que procurando uma fuga. Mrs. Malette percebeu os seus temores e dirigiu-se para ella affectuosamente.

— O que tem, minha querida? Parece estar nervosa!... Quer tomar alguma cousa?

— Obrigada, minha senhora. Perdoe-me... estou um pouco perturbada... Não sabia que vinha tocar nesta casa...

— Mas... o que tem esta casa?

— E' que... A senhora...

Fitou Mrs. Malette. Havia um ar de bondade nos olhos da velha senhora. Amelia reconheceu nella, instinctivamente, uma amiga.

— Então não sabe? Seu marido... seus filhos... Tony Baldwyn...

Desabafou, contando-lhe tudo. Quando terminou, sentiu-se mais alliviada. Não havia lhe occultado nem um só detalhe do caso, por minimo que fosse. A bondosa senhora confortou-a, dizendo-lhe que tivesse calma e paciencia e tudo haveria de se arranjar.

Amelia tomou o seu logar na orchestra. Quando Mr. Malette a viu, ficou tão espantado quanto si houvesse visto um fantasma. Differentes reações produziu a presença da moça nos outros. Tony nem siquer olhou para o seu lado. Paul fitou com um ar infatuado, de reprovação. E havia uma indignação nos olhos de Valerie ao vel-a naquella casa.

Amelia tremia quando chegou o momento em que devia executar um solo de violino. Appellou para todas as suas energias para poder manter-se em pé! Mas, Oh! milagre, como si toda a sua dor se exhalasse na musica, as notas sahiam do seu violino limpidas e expressivas. Jamais ella poz um tal sentimento em sua musica...

Os convidados estavam enthusiasmados. E uma hora depois de iniciada a festa, toda a orchestra era um franco sucesso! Havia na audiencia criticos de arte exigentes, que se renderam embevecidos. Os proprios professores da "Brissac" estavam orgulhosos! Amelia era uma victoriosa! Havia — concordavam todos — uma alma e um coração em seu violino. Mal sabiam elles — um coração partido e uma alma solitaria...

Mrs. Malette approximou-se delles. Trazia nas mãos um envelope, que entregou a Dusty. O rapaz, voltando-se immediatamente, entregou-o a Amelia.

— E' para você.

— Para mim? Mas porque?

O rapaz corou, hesitante.

— Perdoe-me, Amelia. Mas lembra-se do cheque da Academia? Você me pediu que puzesse a carta que o continha no correio... Joy e eu tivemos uma idéia... Não se zangue, Amelia! Mas ficamos com o dinheiro e puzemos a carta fóra. Foi assim que pudemos nos casar e organizar a orchestra...

— Dusty!

Uma luz invadia o espirito da moça, ao tempo que o rapaz falava. Agora ella comprehendia tudo, o silencio de Tony, o desprezo de Paul e Valerie... Comprehendia tudo, emfim... As lagrimas corriam silenciosamente pelos olhos da moça...

— Amelia! disse Dusty em voz supplicante. Eu...

— Nada, tolo! Não estou zangada, não. Preciso apenas falar com Tony...

Amelia encontrou Tony enterrado numa poltrona da bibliotheca, solitario, fumando um cigarro.

— Tony, preciso lhe falar.

O moço ergueu-se immediatamente. Num tom frio, indifferente, respondeu:

— Creio que nada temos a dizer um ao outro...

— Não, Tony! E' preciso.

Olhou para a larga porta do aposento, que dava para o jardim.

— Acompanhe-me, Tony. Falaremos lá fóra, passeiando.

O rapaz obedeceu cortezmente, cerimonioso. Emquanto iam andando pelo jardim, Amelia foi-lhe contando tudo o que se havia passado e a sensacional descoberta que fizera minutos antes.

— Fiz tudo o que lhe havia promettido. Dusty roubou-me o cheque e a carta. Eu não sabia, Tony... Que podia fazer?

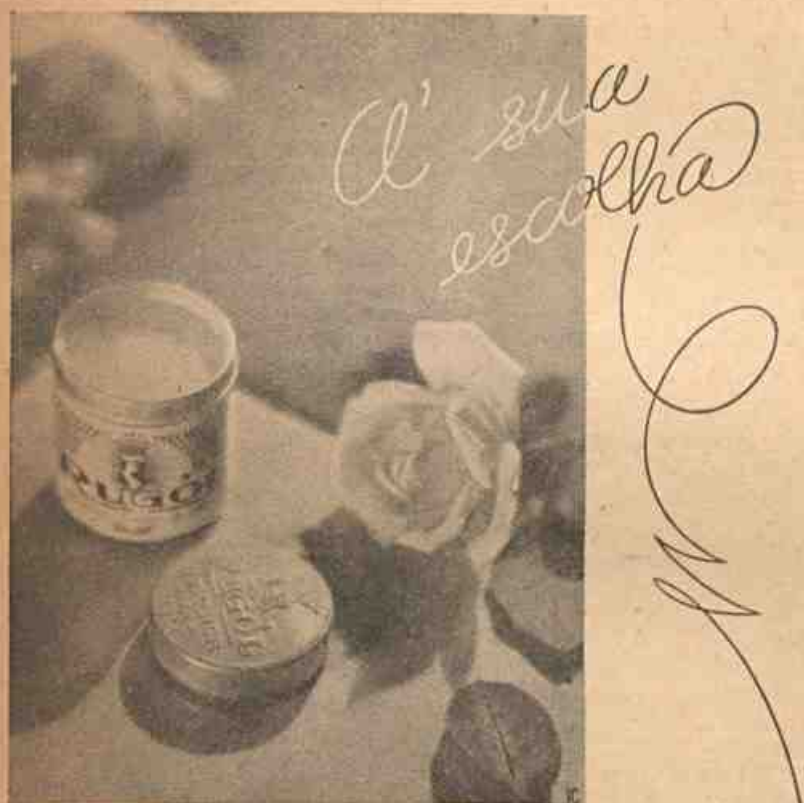
— Amelia!... murmurou Tony. Havia um tom extranho em sua voz, um tom doce e profundo e uma luz brilhava nos seus olhos.

Pararam. Durante um minuto ficaram alli, silenciosamente, pensando nas horas dolorosas que haviam passado.

— Agora desejo, Tony — propoz a moça por fim, estendendo-lhe a mão — desejo que nos tornemos amigos.

— Não, Amelia, eu jamais poderia ser simplesmente um seu amigo. Porque você é para mim muito mais que isso...

Seus braços rodearam a cintura de Amelia Cornell, que sentia uma musica divina em seus ouvidos ao ouvir as palavras com que tanto sonhara.

— Porque eu te amo, querida. Eu te amo... eu te amo...

Cavalgada DO AMOR

ERA UMA VEZ... Era uma vez... um immenso castello, eriçado de torreões, recortado por ameias sem conta, que se erguia orgulhoso junto a um bosque. Da floresta vinha uma brisa perfumada, embalsamada pelo olor das arvores farfalhantes. E a brisa perpassava pelo parque do castello, que estava povoado de cavalleiros, guardas, criados e serviçaes de toda a especie.

Em meio desse pequeno mundo vivia uma garota de dezeseis annos apenas, que crescia acarinhada somente pela ternura de sua velha preceptora e embalada pela doçura de seus sonhos de amor, que eram como todos os sonhos de amor das meninas-moças de dezeseis annos...

Um dia a monotonia de sua vida foi quebrada pelos projectos do senhor seu pae, que via nella o vehiculo ideal para a consolidação de uma alliança possante. Uma familia visinha offerecia o seu primogenito, typo imbecil e grotesco, cuja unica qualidade era ter a testa ducal vergada ao peso de um sem-numero de titulos nobiliarchicos.

O embaixador da familia visinha, um monje capuchinho, que foi o portador da proposta matrimonial, tinha plenos poderes para discutir o assumpto, em todos os seus aspectos, com o castellão. Foi recebido como convinha a um plenipotenciario de tal embaixada e o velho senhor castellão viu o caso sobre todos os lados que lhes podia interessar, menos, está claro, sobre o aspecto sentimental, que isso nem siquer lhes passou pela cabeça. Ajustaram o dote e trataram o casamento, marcando o dia da festa.

A linda castellã foi avisada pelo senhor seu pae, da maneira que elle havia disposto o seu destino. Mostrou-lhe mesmo, por complacencia (e por velhacaria) o retrato do noivo. Era um bello rapaz, alto, desempenado e senhor de muito boa presença!

Começaram os preparativos da festa gigantesca, da qual devia constar um banquete pantagruelico! Gastou-se uma fortuna enorme em sedas, setins e brocados... Armazenaram um numero fan-

Interpretes principaes:

SIMONE SIMON

CORINNE LUCHAIRE

JANINE DARCEY

Michel Simon - Milly Mathis

Saturnin Fabre

Claude Dauphin - Dorville

Uma historia curta do film de Raymond Bernard "Cavalcade d'Amour" - Distribuido pela Art Films.

tastico de velas e candelabros, porque aquelle devia ser o mais lindo casamento da provincia, como o queria o senhor castellão e como convinha a um senhor de tanta terra e tão grande fortuna! E a pequena noiva se poz, daquelle dia em diante, a murmurar baixinho o nome de seu nobre e bello noivo, que, conforme o retrato que lhe haviam mostrado, era absolutamente parecido com o que havia entrevisto em seus sonhos...

Faltava apenas poucas horas para a chegada do cortejo do noivo, o duque grotesco e imbecil, ao castello, quando a preceptora da pequena resolveu, num impeto de coragem, lhe dizer a verdade: haviam lhe mentido, o retrato era um logro! Iam casal-a, por obscuras razões de politica provinciana, com um homenzinho gorducho e mal-feito...

A menina ficou silenciosa... Mesmo porque, naquelles tempos longinquos, ás meninas nada era permittido dizer! O mais que se lhes podia conceder era uma escolha entre a obediencia e o convento...

Apenas... aconteceu que na hora do casamento a noiva havia desapparecido! Sim, havia fugido! Todo o amor accumulado em seu pequeno coração havia se extravasado sobre a figura de um jovem saltimbanco, Leandro, que, com sua reduzida companhia de comediantes, havia vindo ao castello para abrilhantar as festas com suas pantomimas... Ora, havia acontecido que Leandro era, traço por traço, a figura do retrato do noivo que haviam mostrado á noiva... E ella resolveu rebellar-se contra as ordens paternas, fugindo com a "troupe" de jograes!

Os comediantes foram tenazmente perseguidos pela criadagem e alguazis do castellão e, depois de duras buscas e batidas, viram-se aprisionados e devolvidos ao castello.

A pequena e linda castellã tremia como varas verdes quando se viu em presença do senhor seu pae, que immediatamente a conduziu para junto do leito em que jazia, bebado e imbecilizado, o duque grotesco e mal-feito. O homenzinho nem siquer havia percebido o que se passára!

A jovem castellã viveu durante muito tempo dentro de seus immensos dominios e foi sempre considerada a mais nobre, a mais virtuos ae a mais rica dama daquella provincia. Foi invejada por todas as mulheres. Mas a verdade é que, dentro de seu coração, ella sempre se considerou, até morrer, a mulher mais infeliz deste mundo!...

Passaram-se annos e mais annos. E os annos fizeram lustros. E os lustros fizeram um seculo! O castello resistiu ao tempo e continuou grande e orgulhoso, com seus aposentos sem conta e suas galerias interminaveis. Seus torreões continuavam a se erguer com o mesmo aspecto feroz, sinistro. Mas por dentro estava muito mudado em seu mobiliario, que era então o gosto da época: 1830. Seus habitantes, descendentes dos rudes senhores de outr'ora, tinham educação mais amena, eram galantes e delicados.

Nessa epoca era chefe da familia o Barão de Maupré, que tinha uma filha adoravel, a aristocratica Léonie.

Entretanto, si os tempos estavam mudados, não era ainda outra a mentalidade dos paes em relação aos filhos, principalmente quando se tratava de casal-os. Ia uma azafama enorme no castello, pois que Léonie ia casar. Costureiros vindos de Paris, da Maison Regina, que era a mais importante casa de modas da epoca, mediam e recortavam tecidos carissimos para o vestido da noiva. Uma festa sumptuosa estava em preparativos, pois aquelle devia ser um casamento do qual havia de se falar durante muitos annos, como convinha a pessoas de tão grande fortuna e tão vasta projecção social!

Era um casamento de conveniencia, como de costume. Mas a linda Léonie não estava triste por isso. Conhecia o Conde Hubert, o seu galante e frivolo noivo e estava absolutamente certa dos sentimentos que nutriam um pelo outro: uma indifferença absoluta! Talvez porque Léonie houvesse sido educada dentro daquella mentalidade medieval, talvez porque jamais houvesse sentido amor por alguem, o facto é que lhe parecia normal aquella união... Seus nomes, suas fortunas, suas conveniencias e a perfeita frieza que sentiam, alliavam-se maravilhosamente para realizarem, no castello de Maupré, um lindo e sumptuoso casamento... sem amor!

Quem se sentia desolado com aquillo tudo era Monsenhor de Maupré, tio de Léonie, velho sacerdote romanesco e galante, que havia sempre sonhado, para a sobrinha, um casamento de amor. E, mal grado ás sombras que havia na familia com o caso da pequena castellã e o saltimbanco, o tio prelado desejava um milagre que trouxesse o amor ao castello de Maupré. Vão desejo!... E' que em 1830 os milagres já estavam se tornando muito raros...

Em todo o caso parece que o céu resolveu attender os rogos do velho sacerdote. O caso é que o amor visitou Maupré, mas de uma maneira um tanto... inconveniente! O noivo, Conde Hubert, tres dias antes do casamento, ficou perdidamente apaixonado por uma das costureirinhas da Maison Regina, que haviam vindo ao castello para confeccionar o enxoval da noiva!...

O escandalo foi enorme e o casamento ameaçava fallir. E o bom padre, que tanto havia invocado o amor, ficou alarmado ao ver o travesso apparecer justa-

mente onde não devia!

Monsenhor de Maupré era um santo homem. Mas aquelle amor assim deslocado era... o diabo! E aconselhou ao Duque seu irmão que fosse falar com a bella costureirinha... Ella devia se afastar dalli. Estava compromettendo a fortuna e o futuro de seu amante. Si o amava de verdade, devia attender...

As pequenas costureiras parisienses enternecem-se sempre quando se lhes fala no futuro e na felicidade de seus amantes. Contentam-se em morrer de amor, elegante e discretamente... Foi o que fez a linda menina da Maison Regina... E morreu justamente á hora em que, na capella do castello, onde estava reunida toda a nobreza da provincia o bom Monsenhor de Maupré realisava o casamento de sua sobrinha com o Conde Hubert! Foi um grande, um lindo casamento! E o santo homem, um pouco perturbado, bemdisse, em termos escolhidos e decorados, a união das duas grandes familias!

O padre envelheceu e um dia Deus o levou. Teve uma morte santa e tranquilla... O Conde Hubert viveu ainda durante muitos annos, sempre coroado de honrarias e riquezas. E Léonie de Maupré findou os seus dias respeitada, admirada e invejada, dentro do velho castello, em cujos interminaveis corredores havia arrastado, durante tantos annos, o seu tédio sem fim...

———

O castello envelheceu impassivel, apontando para o céu os seus torreões ponteagudos, vendo a hera e o musgo recobrirem de verde as pedras de seus altos paredões. Assistiu a ruina, e depois a extinção da Familia de Maupré, da qual durante seculos fôra o supremo orgulho.

Em 1939 por alli appareceu um homem de negocios, muito rico, cheio de dinheiro mas falto de... brazões! O millionario não estava muito certo da respeitabilidade de seu nome e tinha duvidas terriveis a respeito de sua arvore genealogica.

Visitando o castello, o novo-rico ficou espantado ao deparar com o retrato do velho Monsenhor de Maupré, que ornava uma das paredes do hall. Evidentemente elle nada tinha a haver com o santo homem, mas o facto é que se parecia espantosamente com elle! Resolveu prevalecer-se daquella semelhança e comprou o castello.

Alli installou-se com sua filha, a pequena e linda Juny, moça de dezoito annos, mas que jamais havia sonhado com o amor. Era como a Léonie de Maupré do seculo passado e contentava-se em fazer barulho nas velhas salas com as suas victrolas e pôr em polvorosa as senhoriaes alamedas do castello com o possante ronco dos motores de seus automoveis.

O mililonario queria um nome illustre na familia. Por isso propoz um dia a Juny que se casasse com um rapaz que lhe parecia feito sob-medida para o seu caso. O moço tinha "apenas" 300.000 francos... em dividas de honra! E vivia em apuros medonhos para pagar mensalmente 1.800 francos de juros no banco em que tomara um emprestimo! O millionario, naturalmente, pagaria todas as dividas do... genro. E o rapaz vivia suspirando pelo dia do casamento. Em verdade elle não tinha dinheiro, mas tinha um nome illustre, pois era o ultimo rebento de uma velha e fidalga familia de magistrados e ministros.

Juny não o amava. Pouco lhe importava casar com elle ou não. Tinha que casar um dia, não era verdade? Pois fosse esse mesmo ou outro qualquer, para ella era a mesma cousa. E acceitou.

Mas o sortilegio extranho do velho castello de Maupré fez-se sentir ainda uma vez. Aquelle mesmo sortilegio que havia atirado a pequena castellã aos braços de um saltimbanco e que havia deixado, um seculo antes, o Conde Hubert doido de amor pela costureirinha de Maison Regina. O caso é que uma velha marqueza apresentou a Juny um bello rapagão, Georges, e ambos, cinco minutos depois, estavam perdidos de amor um pelo outro. Ora, aconteceu que Georges era precisamente o tal rapaz de familia illustre, mas absolutamente "prompto", que o pae de Juny havia projectado casar com sua filha! Parecia, portanto, que o Destino havia encaminhado as cousas maravilhosamente... Infelizmente não era assim e a satisfação dos velhos ruiu com fragor deante da extranha resolução dos enamorados: a de não se casarem! E' que no coração de ambos havia thesouros de delicadeza, de caracter e de firmeza, como jamais o millionario e a marqueza haviam suspeitado! Amavam-se loucamente. Mas comprehenderam logo que jamais seriam felizes com aquelle casamento... por dinheiro! E porque se amavam não queriam... se casar! Detestavam aquelle casamento que cinco minutos antes haviam acceitado com indifferença!

Passaram-se os dias. Ainda uma vez venceu o sortilegio do castello de Maupré. Porque em nossos dias os millionarios arruinam-se muito rapidamente. E foi o que aconteceu ao pae de Juny.

Assim foi que uma bella manhã os dois jovens enamorados se encontraram... em absoluta egualdade em materia de fortuna! Georges, que nunca havia tido mesmo mais que dividas e Juny, sem nickel devido a ruina do velho. O "handcap" era perfeito!

E assim... uma vez, num velho castello recoberto de hera e musgo e povoado de velhas lendas...

———

COUSAS DE HOLLYWOOD

Estourou como uma bomba, em toda a America, a noticia do divorcio de Priscilla Lane e Oren Langlund! A surpreza foi enorme, pelo excellente motivo que ninguem sabia que elles estavam... casados! Mas agora prepare-se o "fan" para uma surpreza ainda maior: Oren divorciou-se de Priscilla com grande satisfação, para ficar com a liberdade de cortejar (e muito assiduamente) a mais velha das tres irmãs, Lola Lane!!!

———

Brevemente veremos "Young People" com Shirley Temple, Jack Oakie e Charlotte Greenwood nos principaes papeis. O argumento versa sobre a vida do famoso Trio Ballantine, que abandonou o theatro para viver no campo. Esse é o vigesimo segundo film de longa metragem em que apparece Shirley Temple, que assim encerra, pelo menos provisoriamente, sua carreira cinematographica.

AS LETTRAS ORIGINAES DAS CANÇÕES DE

GIVE A LITTLE WHISTLE

When you get in trouble and you don't know right from wrong
Give a little whistle, give a little whistle!
When you meet temptation and the urge is very strong,
Give a little whistle, give a little whistle!
Not just a little squeak, pucker up and blow
And if your whistle's weak, yell "Jiminy Cricket"
Take the straight and narrow path
And if you start to slide, give a little whistle
Give a little whistle and always let your conscience be your guide.

I'VE GOT NO STRINGS

I've got no strings to hold me down,
To make me fret or make me frown,
I had strings but now I'm free
There are no strings on me
Hio the merrio L'm as happy as can be
I want the world to know nothing ever worries me
I've got no strings ☙ I have fun
I'm not tied up to anyone
How I love my liberty, there are no strings on me.

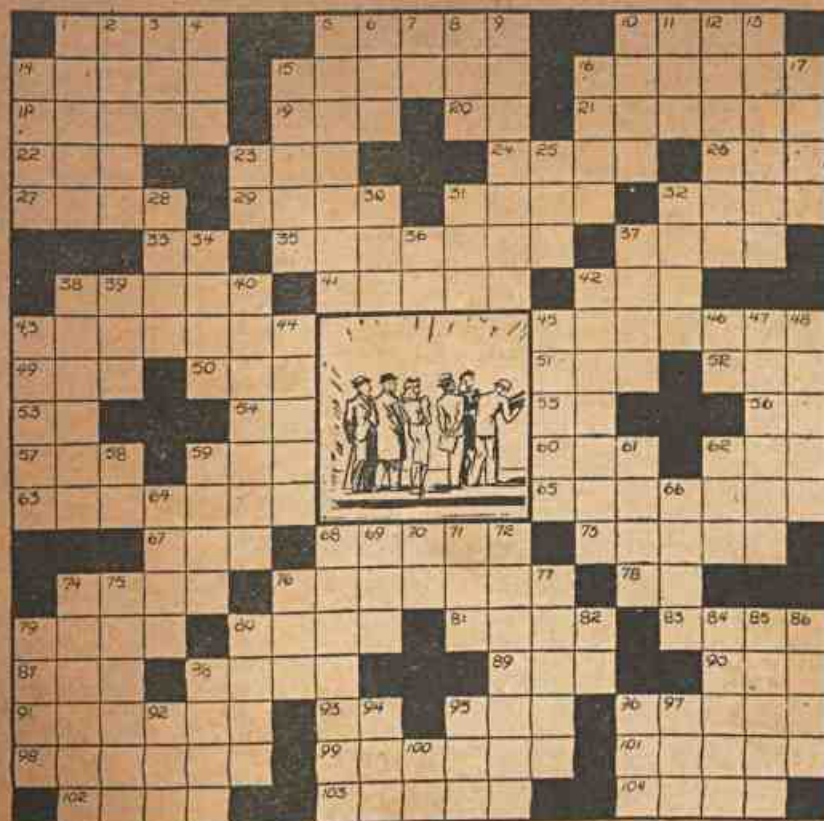
TURN ON THE OLD MUSIC BOX

Drop ev'rything turn on the old music box
Old memories return on the old music box,
Let's laugh and get away from cares of the day
Turn on the old music box, take a hold of your little partner's hand, the time is right
The rhythm's grand, it's better than a great big band
Although it's just a tinkle, tinkle,
Turn on a little music, some old fashioned thing
Play any little tune with an old fashioned swing.
Let's have a little song we can join in and swing.
Turn on the old music box.

WHEN YOU WISH UPON A STAR

When you wish upon a star, makes no diff'rence who you are
Anything your heart desires will come to you
If your heart is your dream, no request is too extreme
When you wish upon a star as dreamers do,
Fate is kind, she brings to those who love,
The sweet fulfillment of their secret longing
Like a bolt out of the blue, fate steps in and sees you thru'.
When you wish upon a star your dreams come true.

UMA HORA LOGO PASSA

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAES

1 — Soldo
5 — Fazer signaes com a cabeça
10 — Destruidor
14 — Ilha do Mediterraneo
15 — Ornato de columna dórica
16 — Innocencia
18 — Ilha de verdura
19 — Beira
20 — Suspiro
21 — Thesouro
22 — Orgão
23 — Naquelle logar
24 — Especie de palmeira
25 — Pronome
27 — Deus chaldaico
29 — Diluida
31 — Aldeia de indios
32 — Cheiro
33 — Verbo
35 — Porção de raizes
37 — Arvores do Brasil
38 — Cidade da Europa
41 — Rasga
42 — Pref. desig. de quantidade
43 — Paredão
45 — Poeta italiano
49 — Um inglez
50 — Carbonato de calcio
51 — S. A. S.
52 — Ouvir castelhano
53 — Exclamação
54 — Nicanor Corrêa
55 — Pronome
56 — Pref. desig. de quantidade
57 — O que gosta de cinema
59 — Potentado asiatico
60 — Interjeição
62 — Preceptor
63 — Adornos
65 — Nono mez dos arabes
67 — L. P. I.
68 — O coração da arvore
73 — Vestes femininas
74 — Deus mythologico (phon.)
76 — Arvore aromatica
78 — Deus egypcio
79 — Galho
80 — U. U. R. E.
81 — Cidade norte-americana
83 — Movel
87 — Lettra solettrada
88 — Sorte
89 — Senhora da roça
90 — Oceano
91 — Igreja que tem cura
93 — Fluido
95 — Metal
96 — Negro
98 — Vermes
99 — Animaes fabulosos
101 — Plantas marinhas
102 — Famosa cortezã grega
103 — Figuras geometricas
104 — Lago russo

VERTICAES

1 — Beira mar
2 — 500 folhas de papel
3 — E. T. I.
4 — Tristão A. Santos
5 — Armazem onde se recolhe o trigo no máo tempo
6 — U. T. A.
7 — Pronome
8 — Fileira
9 — O mesmo que 35 horizontal
10 — Difficil
11 — O. N. A.
12 — De proposito
13 — Máus criticos
14 — C. O. R. B.
15 — Osso da face
16 — Não vê
17 — Mascar, morder
23 — Fluido
25 — Appel. de Abel (Ing.)
28 — Moeda
30 — Criado
31 — Sapateado (americano)
32 — Entorpecente
34 — R. I. L. C.
36 — Zenaide Martins
37 — Parte dos olhos
38 — Arma
39 — Medida agraria
40 — Cidade da Asia
42 — Rastros
43 — Embriaguez
44 — Passaros palmipedes
45 — Planta, tambem chamada Olho de Christo
46 — Um
47 — Osso da perna (pl.)
48 — Costellação
58 — Nair Figueiras
59 — Planta vivaz
61 — Adorar
62 — Nome de mulher
64 — Esculptor grego
66 — Criadas
68 — Carga de um carro (pl.)
69 — Lettra solettrada
70 — Ruy Dias
71 — N. A. R.
72 — Catalogos
74 — Potro indomito
75 — Cabo grosso
76 — Verte suor
77 — Suf. que desig. qualidade
79 — R. A. C. L.
80 — Habitos
82 — O. A.
84 — Ultima letra do alphabeto grego
85 — Luzeiro
86 — Elos
88 — Amarras
92 — A. V. I.
94 — Erres
95 — Metade de Agosto
96 — Madeira
97 — R. L. R.
100 — Antes de Christo

CARTÕES E PROFISSÕES

de Florisbella Rosa (Capital)

N▮I N O F E▮U R I

L▮I V I O A S T I N

S A R I T A F I G U R

MÃE LETIZIA TEM RAZÃO
Os quitutes preparados com Oleo Letizia são realmente uma delicia!
BACALHAU Á PORTUGUEZA: - Deixe de molho 1 kilo de bacalhau. No dia seguinte tire as pelles e espinhas e afervente-o. Numa caçarola colloca-se uma camada de bacalhau, uma de cebola, uma de tomate, uma de pimentões, algumas batatas, cenouras, cheiro verde, sal e pimenta. Rega-se com boa quantidade de Oleo Letizia e leva-se ao fogo brando até que fique bem cozido.
PEQUENO ALMOÇO: - Corta-se em fatias a sobra de um assado e arruma-se em uma travessa commum. Faz-se um molho do seguinte modo: Junto a 1 colherada de Oleo Letizia, bem quente, põe-se algumas cebolinhas, tomates e cheiros; depois de bem refogados, junta-se agua, engrossando-se com farinha de trigo. Logo põe-se mais 1 ou 2 colheres de Oleo Letizia. Cobre-se a carne com este molho e serve-se quente.
MOLHO DE MAYONAISE: - Tire as gemmas de 3 óvos cozidos; esmague-as e misture-as com 1 colherinha de vinagre, 1 de Oleo Letizia e sal. Addicione 2 gemmas cruas e pingue Oleo Letizia, lentamente, batendo até ficar com bôa consistencia. Este molho serve-se com saladas de camarão, peixe, gallinha, legumes, etc.
CAMARÕES Á LETIZIA: - Põe-se em uma panela 2 colheres de Oleo Letizia, cebolas, tomates, cheiros e bastante pimenta; depois de bem refogados, mistura-se camarões, e deixa-se cozinhar com um pouco de agua. Depois que os camarões estiverem bem cozidos, engrossa-se com uma colherinha de maizena, e serve-se com arroz.
PEIXE: - Depois de bem limpo, um robalo ou uma bôa pescada, colloca-se em uma assadeira propria; sobre o peixe põe-se cebolas cortadas em rodellas, tomates, cheiros, pimenta do reino, 1 colher de manteiga, e rega-se com uma bôa quantidade de Oleo Letizia. Vae ao fôrno quente, misturando-se constantemente o molho.
★ Peça nos bons emporios e mercearios a lata conversivel de Oleo Letizia de 1 ou 2 kilos, que, depois de vazia, se adapta a varios usos domesticos. Oleo Letizia, para mesa, salada e cozinha, é mesmo uma delicia!
OVOS Á LETIZIA: - Numa frigideira, põe-se Oleo Letizia em quantidade regular e nelle refogam-se rodelas de cebola, tomates, cheiro verde, sal, pimenta do reino e um pouco de agua. Quebram-se, nesse molho, alguns óvos; tampa-se e deixa-se cozinhar durante alguns minutos, servindo, depois, na propria frigideira.
OLEO
LETIZIA
MEZA, SALADA E COSI
SÃO PAULO
O agradavel sabôr das iguarias depende, em grande parte, da qualidade dos temperos. Experimente o Oleo Letizia ao fazer o seu prato predilecto, ou numa das receitas que aqui apresentamos, e verá que differença! Rigorosámente refinado, Letizia — o oleo delicia — dá aos alimentos aquelle sabôr delicado que caracteriza os quitutes da cozinheira caprichosa. Além do seu paladar suave e inconfundivel, este oleo, devido á sua extraordinaria pureza, offerece a vantagem de ser muito economico no uso. Com o Oleo Letizia poderá fazer pratos deliciosos que a sua familia e os seus hospedes elogiarão com enthusiasmo.
★ LETIZIA ★